

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE TEOLOGIA
GEISLÂNIO LUZ CAIRES

**A RELEVÂNCIA DO CATECUMENATO ENQUANTO INSPIRAÇÃO PARA A
CATEQUESE SEGUNDO A PROPOSTA DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA
IGREJA.**

CAMPINAS

2022

GEISLÂNIO LUZ CAIRES

**A RELEVÂNCIA DO CATECUMENATO ENQUANTO INSPIRAÇÃO PARA A
CATEQUESE SEGUNDO A PROPOSTA DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA
IGREJA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Como exigência para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Ceci Maria Costa Batista Mariani.

CAMPINAS

2022

GEISLÂNIO LUZ CAIRES

**A RELEVÂNCIA DO CATECUMENATO ENQUANTO INSPIRAÇÃO PARA A
CATEQUESE SEGUNDO A PROPOSTA DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA
IGREJA.**

Dissertação defendida e aprovada em ____ de
_____ de _____ pela orientadora:

Profa. Dra. Ceci Maria Costa Batista Mariani.

CAMPINAS

2022

Eis que o semeador saiu a semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram. Outra parte caiu em solo pedregoso e, não havendo terra bastante, nasceu logo, porque não havia terra profunda, mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra parte caiu entre os espinhos; os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto. Outras caíram em terra boa e produziram frutos, subindo e se desenvolvendo, e uma produziu trinta, outra sessenta e outra cem”.

E dizia: “Quem tem ouvido para ouvir, ouça”.

(Mc 4,3-9)

AGRADECIMENTOS

Quero louvar e bendizer a Deus pelo dom da vida, que em seu percurso me permite tomar tantas direções, inclusive o da Teologia. Durante o caminho que a vida se faz, nos deparamos com muitas belezas, mas também com diversas dificuldades. Muitas vezes descobrimos potencialidades que jamais descobriríamos se não nos puséssemos a caminhar. Com efeito, também encontramos nossas limitações e isso pode nos deixar entregues ao cansaço. Pode acontecer até de tropeçarmos e talvez cairmos. Às vezes, dá vontade de desistir ou mudar de rota. Nestas situações, o apoio de familiares e amigos, faz toda diferença, seja para partilhar as alegrias ou as tristezas, para sorrir junto ou para motivar a seguir em frente mostrando um horizonte de esperança. São por estes que quero dirigir meu agradecimento a Deus.

Graças vos dou, ó Senhor, por minha família Gilson, Bete, Shirley, Geisla e Natan, que na gratuidade do amor são abrigo seguro para reestabelecer as forças e seguir na jornada.

Graças vos dou, ó Senhor, pela Arquidiocese de Campinas, que me oferece todas possibilidades necessárias para viver a vocação presbiteral e a qual quero dedicar meu serviço. E nesta oportunidade, agradecer também pelo nosso Arcebispo Dom João Inácio Müller, por cultivar em nós a espiritualidade e o desprendimento para servir.

Graças vos dou, ó Senhor, pelo Seminário Imaculada de Campinas, lembrando com carinho do Padre Tarcísio, que muito zeloso incentiva e orienta minha caminhada vocacional; com igual carinho, recordo os amigos de seminário que pela convivência fraterna, se tornam uma nova família.

Graças vos dou, ó Senhor, pelos meus irmãos de turma, Bruno e Vinícius, pois, nestes últimos quatro anos de caminhada foram bons companheiros, dóceis em suportar-me.

Graças vos dou, ó Senhor, pelos colegas do curso de Teologia, aos os laços de amizade extrapolam os limites acadêmicos, se estendendo por outras dimensões da minha vida.

Graças vos dou, ó Senhor, pela Pontifícia Universidade Católica, com toda sua estrutura que possibilita ou meu desenvolver acadêmico-teológico e humano. Evoco neste agradecimento, todos os professores que contribuíram na minha formação, em especial, o Prof. Me. Côn. Elisiário César Cabral, diretor da Faculdade de Teologia, que se esforça para oferecer-nos um curso de qualidade, e também a Profa. Dra. Ceci Maria Costa Batista Mariani, que me orienta neste trabalho de conclusão de curso, mas que também me acompanha desde o primeiro semestre da faculdade de Teologia.

Graças vos dou, ó Senhor, por não me ter falando vosso auxílio. Teu amor me acompanha nos mais singelos detalhes, num sorriso esboçado, num olhar de afeto, na luz que toca a pedra, nas estivas que guardam o a amor.

Estou seguro de que encontrei as pessoas certas no meu caminho. Todas elas, com sua disponibilidade, carinho e amizade me fizeram sentir os cuidados de um Pai amoroso que não deixa o filho desamparado. Por tudo isso, dou-vos graças Senhor, e peço que abençoeis a todos nós, para continuarmos a caminhar em vossa graça. Amém.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo evidenciar a relevância do catecumenato, instituição da Igreja primitiva que realizava o processo de iniciação Cristã, enquanto inspiração para a catequese, segundo a atual proposta da ação evangelizadora da Igreja. Tal pesquisa está fundamentada em documentos magisteriais pós Concílio Vaticano II, e dialogando com autores privilegiados no campo da catequese contemporânea. Apresenta-se um panorama histórico da catequese, destacando a ascensão, o declínio e a proposta de restauração do catecumenato. Para, em um segundo momento, demonstrar o porquê do resgate da Inspiração Catecumenal ser o mais apropriado ao nosso tempo. Tendo feito isso, apresentar-se-á um itinerário, em consonância com as novas orientações da Igreja para a Catequese, a fim de que ela atinja o seu objetivo de formar discípulos missionários.

Palavras-chaves: Catecumenato, Iniciação Cristã, Querigma, Mistagogia, Evangelização.

ABSTRACT

This work aims to highlight the relevance of the catechumenate, an institution of the primitive Church that carried out the process of Christian initiation, as an inspiration for catechesis according to the current proposal of the Church's evangelizing action. Such research is based on magisterial documents written after the Second Vatican Council, and dialoguing with privileged authors in the field of contemporary catechesis. A historical overview of catechesis is presented, highlighting the rise, the decline and the proposed restoration of the catechumenate. Then, in a second moment, this work demonstrates why the rescue of Catechumenal Inspiration is the most appropriate for our times. Having done this, an itinerary will be presented, in line with the new guidelines of the Church for Catechesis, so that it achieves its objective of forming missionary disciples.

Keywords: Catechumenate, Christian Initiation, Kerygma, Mystagogy, Evangelization.

SUMÁRIO

SIGLAS	8
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I – A CATEQUESE AO LONGO DA HISTÓRIA	12
1.1. A ação evangelizadora dos primeiros séculos como evento fundador da catequese.	15
1.1.1. O catecumenato	16
1.1.2. O declínio do catecumenato	19
1. 1. 3. A ascensão de um novo modelo catequético	20
1. 2. A renovação eclesial e incidência da catequese neste processo	24
1.3. A Catequese e o Concílio Vaticano II	26
CAPÍTULO II – NOVOS TEMPOS, “NOVA” EVANGELIZAÇÃO	28
2.1. Tempos de Crise: oportunidade para conversão pastoral	29
2.2. A Inspiração Catecumenal como resposta às urgências da ação evangelizadora	34
2.2.1. Querigma	36
2.2.2. Mistagogia	37
2.3. Sacramentos não são ponto de chegada, mas ponto de partida!	40
CAPÍTULO III – APLICABILIDADE DA INSPIRAÇÃO CATECUMENAL	43
3.1. Propostas de resgate da Inspiração Catecumenal	44
3.1.1. Rito de Iniciação Cristã de Adultos – RICA	46
3.1.2. Caminho Neocatecumenal	48
3.1.3. Uma catequese de Inspiração Catecumenal	50
3.2. Método catequético de Inspiração Catecumenal	54
3.2.1. Itinerário catequético sob Inspiração Catecumenal	55
3.3. A interdependência entre a proposta de Inspiração Catecumenal e a renovação paroquial	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS	63

SIGLAS

CT – Catechesi Tradendae

DAp – Documento de Aparecida

DC – Diretório para catequese 2020

DNC – Diretório Nacional de catequese. Documento 84

EG – Evangelii Gaudium

EIVC – Estudo 97. Sobre a Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal.

IVC – Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários. Documento 107.

RICA – Ritual de Iniciação Cristã de Adultos

Mt – Evangelho segundo Mateus

Mc – Evangelho segundo Marcos

Jo – Evangelho segundo João

1Cor – 1ª Carta de São Paulo aos Coríntios

INTRODUÇÃO

A Igreja é um espaço privilegiado para a vivência dos mistérios da fé. Os sacramentos desempenham papel fundamental nessa função, ajudando-nos a configurar a nossa vida a vida do Cristo Senhor. Porém, não se pode ignorar o fato que, para muitas pessoas, a recepção dos sacramentos se reduz a um evento tradicional que esvazia de sentido a realidade sacramental. Um dos fatores que condicionam essa situação é que o nosso processo catequético está estagnado, um roteiro compartimentado, muito teórico e pouco vivencial, falta dinamização, carência de mística e, infelizmente, agentes de pastoral pouco formados e acomodados, condicionados pelo “sempre foi assim”. Além disso, com o processo de globalização, informatização e afins, vemos o quanto as relações humanas e sociais se tornaram líquidas e desenraizadas, fato que se acentuou ainda mais com a pandemia do Covid-19.

Tudo aquilo que, até então, fora tomado como concreto e verdadeiro, passou a ser relativizado. Assim, pessoas não se prendem mais a uma doutrina ou religião. Tal cenário influencia diretamente no enfraquecimento das instituições tradicionais, de modo específico, a Igreja e tudo que se associa a ela.

Diante disso, este trabalho tem por objetivo evidenciar a relevância da Inspiração Catecumenal para a catequese e, por que não dizer, para toda ação pastoral evangelizadora da Igreja. Para isso, esta pesquisa se fundamenta em documentos magisteriais pós Concílio Vaticano II, e dialoga com autores privilegiados no campo da catequese contemporânea, com destaque nos catequetas João Fernandes Reinert, Luiz Alves de Lima e Rosemary Fernandes da Costa, que são expoente na temática do catecumenato.

O resgate da experiência catecumenal dos primeiros séculos da Igreja ,enquanto inspiração para a evangelização e catequese atuais, ajuda-nos a compreender a unidade dos sacramentos desde o seu primeiro anúncio (*querigma*), até seu amadurecimento em comunidade (*mistagogia*), e ao mesmo tempo integram aquilo que é fundamental na formação de um discípulo missionário: a catequese, a celebração e a vivência da fé (COSTA, 2018). Por isso, recuperar o modelo catecumenal de iniciação cristã representa uma

mudança de paradigma que nos emancipa de uma prática de evangelização que não corresponde aos desafios da contemporaneidade, e nos leva a assumir exigência pastoral na formação de discípulos-missionários (LIMA, 2016). Neste sentido, Reinert afirma que o catecumenato, em virtude de sua riqueza pastoral, tornou-se um paradigma evangelizador, uma vez que tem sempre algo a oferecer para vida e Missão da Igreja, extrapola seu campo de atuação e inspirando outras ações eclesiais” (2018, p.44).

A Igreja é desafiada pela mudança de época a reaprender a transmitir a fé e alicerçá-la em uma pedagogia pastoral evangelizadora, que atinja os corações humanos e aproxime os seus novos interlocutores do coração de Jesus. É nesse espírito que o Concílio Vaticano II discerniu que era necessário voltar aos fundamentos da tradição cristã. Também a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, no Documento de Aparecida (2007) em seu capítulo VI reafirmou que o caminho da Igreja dos primeiros séculos foi uma autêntica formadora de discípulos-missionários. Deste modo, a Igreja propõe a iniciação cristã como itinerário pastoral. Contudo, não se trata somente de repetir um método que foi eficaz no passado, mas de ir às fontes para ressignificar a nossa caminhada e fazer dos cristãos verdadeiros discípulos-missionários nos nossos tempos.

Ao resgatar o modelo catecumenal, quer-se recuperar a essência e o vigor com que os primeiros cristãos comunicavam a mensagem e a pessoa de Jesus Cristo. Esse modelo de iniciação cristã é caracterizado por um movimento e uma linguagem muito próprios, com gestos, símbolos e rituais que, de modo experiencial e mistagógico, realmente colocam a pessoa no mistério de salvação despertando a identidade de cristão. Esse processo evidencia a dinamicidade da fé e mostra que a Igreja é uma realidade historicamente situada e não uma coisa abstrata.

Entendemos que é preciso garantir que a catequese de nossa Igreja faça o anúncio (querigma) do essencial da fé e que seja uma experiência mistagógica, que conduza para o Mistério da vida de Jesus. Ele que nos foi enviado do Pai, e nos revelou a face amorosa de Deus, por meio de seu testemunho e de sua entrega na cruz para nossa salvação. Este mesmo Jesus,

que continua conosco por meio de seu Espírito, nos oferecendo a oportunidade de uma vida nova.

Esta pesquisa busca refletir sobre a essência da catequese, enquanto escola do discipulado que encaminha para missão, nos moldes inspiradores da experiência mais genuína que foi a dos primeiros cristãos. Pretende-se demonstrar que o resgate da inspiração catecumenal torna a catequese um lugar do encontro entre discípulo e mestre, sustentado pelo querigma e permeado por uma mistagogia processual própria do catecumenato.

Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho delimitou-se em três capítulos. O primeiro capítulo faz-se uma exposição do processo catequético ao longo da história cristã, a começar pelo catecumenato com sua metodologia pautada no Querigma e na Mistagogia; depois mostra como e porque se introduziu novos métodos, de modo que o processo catecumenal perdeu seu protagonismo na formação de novos cristãos.

No segundo capítulo, analisa-se o contexto histórico da contemporaneidade para identificar a necessidade, conclamada pelo Concílio Vaticano II, em alterar a proposta catequética e o porquê do resgate da Inspiração Catecumenal ser o mais apropriado ao nosso tempo.

No terceiro capítulo expõe os caminhos de aplicação prática da proposta de inspiração catecumenal, tendo em mente que não se trata simplesmente de trazer um método passado para o presente, mas conhecendo nossa realidade e assumindo nossa identidade contemporânea, ressignificar o processo catecumenal de modo a deixar que, com os corações dóceis ao discipulado e disposição missionária, aqueles que desejam ser cristãos aprenda a “tirar do baú (Igreja) coisas antigas e novas” (Mt 13, 52).

CAPÍTULO I

A CATEQUESE AO LONGO DA HISTÓRIA

Este capítulo tem como objetivo, a partir do panorama histórico, buscar luzes para compreender e transformar o cenário catequético atual, a fim de responder melhor aos desafios da contemporaneidade. E para falar de história de catequese, antes de qualquer coisa, é preciso falar de evangelização.

Toda Igreja está a serviço da evangelização e a autoridade de transmitir sua Palavra. No centro da dinâmica do processo evangelizador, está a pregação do projeto de salvação divina realizado plenamente na pessoa de Jesus Cristo, por meio de sua encarnação, vida, paixão morte e ressurreição.

O anúncio do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo é, sem dúvidas, a missão primordial e o centro da vida e Igreja, desde a gênese da pregação apostólica, uma vez que este é um mandato que o próprio Cristo fez antes de ser arrebatado ao céu, sentando-se à direita de Deus:

“Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!” (Mt 28,19-20)

Este anúncio das verdades fundamentais da fé em Jesus Cristo chamamos de *querigma*. Tal pregação não pode ser vazia e superficial, mas exige do agente evangelizador conhecimento e aprofundamento da mensagem anunciada, associada a uma espiritualidade que se expresse em uma intensa vida de oração, capaz de configurar o discípulo ao Mestre Jesus. Além disso, para anunciar o *querigma* necessita que se tenha um conhecimento também da realidade das pessoas e comunidades a quem será pregado o Evangelho. A partir disso adotar uma pedagogia própria, que leve em conta a linguagem, a cultura, as condições socioeconômicas entre outras características determinantes de uma sociedade. Ou seja, é preciso que haja um diálogo honesto entre o agente evangelizador e a realidade que se deseja evangelizar, estando atendo ao contexto histórico cultural.

Esta dinâmica supracitada nos permite compreender a proposta evangelizadora dos nossos tempos, tendo em vista tudo aquilo que fora desenvolvido no Concílio Vaticano II, em que a Igreja buscou fazer uma reflexão sobre si mesma como vemos na *Lumen Gentium*, mas também de sua presença no mundo, estreitando o diálogo com a cultura moderna, fortemente expresso no documento *Gaudium et Spes*. Em síntese, as maiores preocupações deste concílio foram o zelo e impulso pela nova Evangelização do mundo atual.

Com efeito, na sua missão de evangelização do mundo de hoje, a Igreja enfrenta diversos desafios, como destaca a exortação apostólica *Evangelium Gaudium* (n.50-75) ao identificar na realidade atual a economia da exclusão, a idolatria do dinheiro, a desigualdade social que gera violência, a cultura do provisório, a proliferação de novos movimentos religiosos fundamentalistas, a promoção de uma espiritualidade sem-Deus, a perda do compromisso comunitário, o relativismo moral e a fragilidade dos vínculos familiares.

Neste contexto a catequese não foi poupada. Percebe-se que ela perdeu sua inspiração inicial, reduzindo-se a transmissão de doutrina e com pouca ligação com a vida concreta, além de ter se desligado do ambiente litúrgico-celebrativo e, por consequência esvaziou-se de sentido. O modelo catequético escolástico não responde mais aos anseios da contemporaneidade.

Tal situação já vem sendo refletida por muito tempo, inclusive vemos muitos indícios de que o Papa Francisco se inspirou nas afirmações da 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ocorrida em maio de 2007, para em novembro de 2013 escrever a *Evangelium Gaudium* no que diz respeito a mudança histórica:

Vivemos em uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, da relação com o mundo e com Deus [...] Surge hoje, com grande força uma supervalorização da subjetividade individual. [...] o individualismo enfraquece os vínculos comunitários e propõe uma radical transformação do tempo e do espaço [...] os fenômenos sociais, econômicos e tecnológicos estão na base da profunda vivência do tempo, o qual se concebe fixado no próprio presente, trazendo concepções de inconsistência e instabilidade. (DAP, 2007, n.44)

Mesmo vivendo e atuando num ambiente hostil e cheio de mudanças, a Igreja mantém a serenidade, porque tem uma experiência de 2.000 anos, de

modo que ela não precisa partir do zero, mas por ter um passado, é impulsionada a buscar sempre novos caminhos, para que viva autenticamente o seguimento de Jesus e faça acontecer o Reino no mundo de hoje.

É por esta razão que nesse primeiro capítulo apresentaremos um panorama histórico do itinerário percorrido pela catequese ao longo dos séculos, a fim de nos ajudar a compreender como chegamos às condições catequéticas atuais. Diante disso, cabe a nós buscar na fonte, luzes que iluminem a nossa realidade.

1.1. A ação evangelizadora dos primeiros séculos como evento fundador da catequese.

O cristianismo inicia-se como um movimento pequeno, composto por pessoas simples e de pouca instrução. Sem uma teologia bem desenvolvida a maior referência ainda eram os preceitos judaicos. A principal atividade da Igreja nascente era formar discípulos missionários, por meio da evangelização e da catequese. O núcleo central da pregação apostólica é o Reino de Deus pregado por Jesus, que se confunde com sua própria pessoa. Pois, em Jesus, Deus se manifestou plenamente a humanidade, em especial por meio de sua paixão, morte e ressurreição. Crentes nisso, os primeiros cristãos nada mais esperavam a não ser a segunda vinda de Jesus que, para eles, seria iminente. Contudo, a demora desta segunda vinda, levou os cristãos a entenderem sua tarefa, isto é, dar vida nova a história e a humanidade mediante o discipulado de Jesus.

Não andeis mais como andam os demais gentios, na futilidade dos seus pensamentos, com entendimento entenebrecido, alienados da vida de Deus pela sua ignorância e pela dureza dos seus corações. Tendo-se tornado insensíveis, entregaram-se à dissolução para praticarem avidamente toda sorte de impureza. Vós, porém, não aprendestes assim a Cristo, se realmente o ouvistes e, como é a verdade em Jesus, nele fostes ensinados a remover o vosso modo de vida anterior — o homem velho, que se corrompe ao sabor das concupiscências enganosas — e a renovar-vos pela transformação espiritual da vossa mente, e revestir-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade. (Ef 4,17-24)

O apóstolo Paulo deu grande destaque ao homem novo nascido do Espírito e a vida nova do cristão. Mesmo que tenha existido uma diversidade nos modos de se anunciar o *querigma*, qualquer uma delas tinha por exigência a conversão. A partir da conversão motivada pelo *querigma*, iniciava-se o período de aprofundamento, em que se fazia um processo de instrução, uma catequese propriamente dita que culminava no Batismo, como símbolo da mudança de vida que fez da pessoa uma nova criatura.

No primeiro século o grande instrumento de instrução dos cristãos foi a *Didaqué*, que orientava a respeito da liturgia, em especial sobre o Batismo; ensinava, também, a moral através da doutrina dos dois caminhos (vida e morte), e ainda, uma catequese sobre a vida nova em Cristo.

Neste período, como podemos notar em 1Cor 14,19 e em Gl 6,6, o termo catequese já era empregado, para designar a ação de instruir (*Katekein*), assim como, se falava daquele que ensina, o catequista (*Katekúnti*). Vale ressaltar o uso do verbo catequizar (*catá-ekhéin*), uma palavra grega que originalmente significa “fazer ressoar aos ouvidos”, o que nos faz entender o caráter vivo e oral da transmissão da fé, feito de pessoa para pessoa, sem impessoalidade ou frieza, mas a viva voz. O conteúdo a ser ressoado não pode ser outro senão a Palavra de Deus, em especial o *querigma*, aquilo que está sintetizado em Rm 4,25: “Cristo foi entregue pelas nossas faltas e ressuscitado para nossa justificação”, ideia que se repete em At 25,19 por toda a carta de São Paulo aos Gálatas. Ou seja, o centro da primeira pregação é o mistério pascal associado à filiação divina que impulsiona a fé pelo amor, se expressando pelo batismo.

O conteúdo essencial do primeiro anúncio (*querigma*) trata da vida de Jesus de Nazaré, de sua pessoa, de sua mensagem, de sua missão e de seu momento culminante de morte e ressurreição (Páscoa). Por aí passou a formação progressiva dos discípulos. Nesse processo, contavam sempre com a ação do Espírito Santo, presente no Testemunho de vida dos que já faziam parte das comunidades cristãs. (DOC 107, 2017, n.41)

Em suma o conteúdo da catequese desenvolvida pelos primeiros cristãos é aquilo que aparece em todo Novo Testamento e nos escritos cristãos mais antigos, como por exemplo, a *Didaqué*. Tal conteúdo era transmitido, levando em consideração as condições de cada pessoa que recebia o ensinamento. Os judeus eram preparados mais rapidamente em relação aos que eram de outras religiões, pois já conheciam muitos dos pressupostos da fé cristã, sendo suficiente reconhecer em Jesus Cristo o pleno cumprimento das Escrituras. Mas, para os que eram de outras religiões, antes era preciso anunciar o Deus verdadeiro que se revelou na pessoa de Jesus.

1.1.1. O catecumenato

A partir do segundo século, as conversões ao cristianismo aumentavam significativamente. Pela expansão da fé, os cristãos passaram a ser vistos como ameaça a muitas estruturas sociais e, por isso, eram perseguidos. Além disso, na tentativa de amadurecer mais os conhecimentos sobre as verdades da fé cristã, começaram a surgir muitas heresias, as quais muitos dos crentes aderiram. Tais dificuldades exigiram da Igreja um maior rigor na instrução de seus fiéis, sendo neste contexto que surge o catecumenato institucionalizado, que estabelecia um tempo extremamente sério de formação, para que a fé fosse bem afirmada, a fim de que o fiel fosse resistente ao mundo pagão e oferecesse um testemunho fidedigno no seio da comunidade.

O Catecumenato foi uma proposta pedagógica que se apresentou como resposta ao grande problema da Igreja primitiva na sua busca de iniciar na comunidade de fé àqueles que acolheram o *querigma* e, a partir disso, decidiram se aprofundar no mistério de Cristo. O catecumenato trata-se de um caminho desenvolvido, pelas primeiras comunidades, aperfeiçoado pelos santos padres, acolhido e institucionalizado pela autoridade eclesiástica. Neste sentido, vale destacar que o catequista neste período é o próprio bispo, cabendo à comunidade o apoio com o testemunho. Aquele que desejasse se tornar cristão devia ser apresentado por um ou mais membros da comunidade que lhe anunciaram o *querigma*, esses eram chamados de introdutores, que se responsabilizavam por garantir a reta intenção do candidato em sua conversão e o acompanhavam guiando a mudança de vida até que o bispo chamasse para fazer parte dos que se preparavam para o batismo, tornando o candidato um catecúmeno.

Vemos neste modelo um processo de amadurecimento muito sério, destinado a adultos, para que sejam também adultos na fé. Reforçando essa ideia podemos nos apoiar no que diz Tertuliano em sua apologia do final do segundo século: “não se nasce cristão, torna-se” (*Fiunt no nascuntur Chritiani*). Ou seja, nesse contexto, o ser cristão não é algo dado na vida social, mas é fruto de um encontro pessoal com Jesus por meio do anúncio querigmático que transforma a pessoa fazendo dela nova criatura e a partir disso, decide aprofundar-se na fé e receber o batismo, sendo incorporada na comunidade, tornando-se cristã. O catecumenato é, portanto, o ventre materno em que Igreja

irá gerar novos cristãos. O Papa Bento XVI, em dezembro de 2005, expressou muito bem tal ideia no início da encíclica *Deus Caritas Est* (n.1): “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”.

O catecumenato, com o tempo, foi se tornando ainda mais exigente, considerado como pedagogia de vigor e de rigor. No século III o processo de iniciação a vida cristã já estava estruturado em quatro tempos: Pré-catecumenato (anuncio querigmático), o catecumenato propriamente dito (catequese), a iluminação/purificação no tempo da quaresma e da Páscoa (recepção do Batismo) e a *Mistagogia* (pós-sacramento). Essa dinâmica de ensino durava em torno de dois a três anos. Nesse processo, o candidato ia penetrando progressivamente na Palavra de Deus, conhecendo a Liturgia e exercitava a transformação de vida (conversão e penitência), até que chegasse a esperada noite pascal, em que mergulharia nas águas do batismo, sinal do mergulho na Morte e Ressurreição de Jesus. Saindo das águas não mais a mesma pessoa, mas uma nova criatura, que então pode participar do banquete da Eucaristia e ser unguido com o óleo do santo crisma. Deste modo, a pessoa é introduzida no mistério do próprio Cristo morto e ressuscitado, tornando-se um membro vivo da nova comunidade redimida e santificada.

O catecumenato desempenhou um papel fundamental na formação de novos cristãos, uma vez que em sua organização continha e conservavam-se os três componentes essenciais que tornam alguém discípulo de Jesus: a conversão (penitência), a instrução (catequese) e o sacramento (dimensão ritual-simbólica). Esse processo com todo o seu aparato litúrgico, orante e comunitário não pode ficar segregado numa história passada, sua contribuição pode enriquecer em muitos aspectos a catequese contemporânea, afinal a catequese nasceu dentro do catecumenato a serviço da iniciação cristã, ou seja, está na sua essência e, por isso, deve ser revisitada para inspirar a ação evangelizadora dos novos tempos. Nesse sentido afirma o Padre Luiz Alves de Lima:

É a força contida nesse processo complexo catecumenal que a Igreja de hoje, passados tantos séculos, quer restaurar e repropor o caminho de discipulado de Jesus Cristo, sem deixá-lo sepultado nas brumas da história. O que se propõe hoje não é outra coisa senão recolocar a catequese dentro de seu clima original e seu ambiente vital, que é o catecumenato. (LIMA, 2016, p.30)

1.1.2. O declínio do catecumenato

No século IV, o cristianismo experimenta uma reviravolta em sua posição social. Em 313, com o Édito de Milão, a Igreja deixou de ser perseguida pelo Estado Romano e passou a ser autorizada por ele, que mais tarde, no ano de 380 fez do cristianismo a sua religião oficial, oferecendo privilégios e primazia em relação às demais religiões. Deste modo, o número de conversões aumentou exponencialmente, a sociedade como um todo se tornava cristã e, por consequência o número de catecúmenos.

Esse processo em que o mundo romano se tornou cristão apresentou algumas dificuldades para a dinâmica catecumenal, pois se percebia que as conversões se davam mais por convenção social do que por um verdadeiro desejo de seguimento e fé em Cristo Jesus. Por essa razão e pelo crescente número de adeptos ao cristianismo, foi preciso prolongar o período de catecumenato, ficando, em muitas situações, por período indefinido. No entanto, com o passar do tempo, cedendo à pressão social, o catecumenato foi se reduzindo, até se limitar ao tempo da quaresma e posteriormente, foi substituído pelo batismo em massa (Cf. DOC 97, 2012)

Sem muita demora, a sociedade passou a ser um lugar em que as pessoas já nascem em seio familiar cristão, fazendo com que se abra a possibilidade de ministração do batismo às crianças. Então, o rito do Batismo de adultos foi adaptado às crianças, de modo que os pais e padrinhos é que respondem às perguntas que seriam dirigidas aos catecúmenos. Além disso, se tornou muito clara e enraizada a responsabilidade dos pais em serem os catequistas de seus filhos (Cf. DOC 107, 2017). Aos poucos o Batismo de crianças se tornou a prática regular e o catecumenato, propriamente dito, perdeu a sua necessidade e desapareceu. Junto a esse processo a catequese e liturgia se distanciam e a catequese vai se dirigindo às crianças. Na verdade, a catequese institucionalizada não era uma preocupação, uma vez que tudo no mundo medieval educa para fé, pelos gestos, pela arte, pela devoção e pela liturgia, sem atividades pedagógicas próprias. É o que chamamos de catecumenato social, como mostra a narração do Padre Luiz Ales de Lima:

No longo período medieval não havia estruturas nem instituições de catequese, quer de crianças, quer de adultos. A fé era transmitida no seio da família e nas atividades do dia a dia. Pais e padrinhos assumiam no momento do Batismo o compromisso de educação na fé. Era uma catequese viva, feita de imitação e testemunho: sem esforço, aprendia-se com os adultos a pensar, a julgar, a rezar, a crer e obedecer às mesmas leis e autoridades. (LIMA, 2016, p.33)

Nessa conjuntura social homogênea é coerente que não existam instituições catequéticas. A iniciação a vida cristã se dava no âmbito concreto e dinâmico da comunidade. Nesse sentido, os historiadores, considerando o ambiente medieval extremamente religioso, passaram a chamar esse período de catecumenato social. Pois, é mais apropriado falar que nesse período havia socialização cristã do que de fato uma iniciação cristã, uma vez que a pessoa era imersa na sociedade sacral e naturalmente educada na fé cristã.

Nessa época, a fé encontrava expressão na devoção aos santos, nas peregrinações, nas penitências. Grande importância passa a ter as orações decoradas. A Bíblia era proclamada nos sermões, encenada ao longo das procissões e festas e representada na pintura, na escultura, no teatro, nos cantos e nas narrativas populares. Era uma catequese de piedade popular (Cf. DOC 107, 2017). Deste modo, somente será possível falar de uma catequese formal no período medieval se considerarmos as pregações dos grandes bispos da época, que não só orientavam seu clero no que dizer ao povo, mas também preparavam integralmente as homilias para serem repetidas pelos padres.

1. 1. 3. A ascensão de um novo modelo catequético

A Idade Moderna é reconhecida pelas profundas transformações sociais, culturais e religiosas. Vale destacar as grandes navegações, o renascimento do comércio e das cidades, a ascensão da burguesia, o nascimento da imprensa e, mais adiante Revolução francesa. Era uma sociedade mais crítica e questionadora do sistema vigente, o que não foi muito diferente no cenário religioso, marcado pelos movimentos de reforma, das quais merecem maior ênfase a Reforma protestante iniciado por Martinho Lutero, mas também a

Reforma católica estabelecida pelo Concílio de Trento que reconfigurou a pastoral, a moral e liturgia da Igreja, de modo que atendesse melhor os anseios de mudanças a fim de responder aos novos tempos e também fortalecer a resistência ao movimento luterano constituindo-se, portanto, uma contrarreforma.

É neste contexto que começa a surgir os catecismos, que nada mais eram do que pequenos manuais de instrução religiosos destinados aos leigos que sabiam ler e aos pastores para instruir os iletrados. Não se trata que grandes esclarecimentos teológicos, mas uma pequena síntese do que é essencial a vida de um cristão católico:

O Sínodo Provincial de Tortosa (Espanha), em 1429, prescreveu que se elaborasse “um breve compendio, no qual estejam contidas, de modo claro e sucinto, todas as coisas que o povo deve saber: o que crer (artigos da fé), o que pedir (Pai-Nosso), o que observar (Decálogo), o que evitar (pecados capitais), o que esperar (Paraíso), o que temer (Inferno)” [...]. É o primeiro aceno na história daquilo que será chamado de catecismo. (LIMA, 2016, p.37)

A Igreja foi extremamente beneficiada com o nascimento da imprensa, instrumento de divulgação rápida que possibilitou a Igreja disseminar mais dos seus conteúdos, entre eles foi publicada a Bíblia Latina, os espelhos de orientação moral, mas especialmente o gênero catecismo.

Com efeito, a Igreja Católica não foi a única a se beneficiar da Imprensa, pois no movimento protestante também se fez o uso desta, publicando a Bíblia em língua vernácula, além do Grande Catecismo e do Pequeno Catecismo, um para uso de pastores e outro para o uso do povo. Tais publicações fizeram grande sucesso.

Para fazer frente aos reformadores, a Igreja Católica, após o concílio de Trento, ordenou a publicação de um Catecismo disponível em latim e também em língua vernácula. Este catecismo baseava-se nos ensinamentos da Bíblia e também nos padres ortodoxos para que o povo recordasse a profissão de fé no Batismo e se preparassem para o estudo da Bíblia. Neste sentido, o catecismo tinha precedência sobre a Bíblia, uma vez que era necessário se preparar por meio dele para poder ter contato com as Sagradas Escrituras. Assim, a partir da reforma protestante e o Concílio de Trento surgiu a “Era dos Catecismos” do qual

até os tempos atuais experimentamos resquícios. Fato é que, a partir dos catecismos a Igreja voltou a ter uma estrutura educativa, estável e definitiva, com uma organização que pode ser comparada somente com o catecumenato dos primeiros séculos da era cristã.

Em meio a todos estes acontecimentos temos a descoberta das Américas, ao qual destaco a história do Brasil, uma vez que a nação brasileira está profundamente ligada com a história da evangelização e da catequese. Para o início dessa reflexão é interessante observar que junto como os colonizadores portugueses, veio para o Brasil, também o grupo de missionários jesuítas em 1549, cheios de ardor missionário, mas também imbuídos do clima de Contrarreforma. Os irmãos da Companhia de Jesus tinham uma dupla tarefa: catequizar os colonos e os colonizados. Para os colonizadores administraram uma catequese institucionalizada, segundo o modelo tridentino, e para os colonizados (indígenas) uma catequese pouco sistemática e mais criativa num esforço de inculturação. Foi o desenvolvimento de um trabalho que lançou as bases da sociedade brasileira, como foi o exemplo de São José de Anchieta que:

[...] fundou colégios (como o de São Paulo, que originou a atual metrópole) escreveu textos catequéticos, teatros, gramáticas e poemas em quatro línguas: Latim, Português, Castelhana e Tupi-Guarani, sendo ao mesmo evangelizador, catequista, médico, artífice, pacificador, taumaturgo, mestre-escola, arquiteto: um missionário completo (LIMA, 2016, p.37).

Os missionários jesuítas não estavam preocupados somente com os novos métodos e técnicas, pensando para além de uma catequese doutrinal ou de mera instrução, eles buscaram realiza a promoção humana e social do indígena dentro de um ambiente hostil e contrário à uma atividade desse tipo.

O trabalho missionário da Companhia de Jesus exercia grande influencia na sociedade brasileira, revestindo a Igreja Católica de um poder central e que, muitas vezes, contrariava os interesses do governo nacional, tanto que em 1759 os Jesuítas foram expulsos do Brasil pelo então Marques de Pombal, Sebastião José de Carvalho. Deste modo, a catequese oficial entrou em crise dando lugar a catequese popular, que se caracterizava, pelo conhecimento do essencial da fé, pelo grande número de devoções e pelo despojamento de formulas e normas. Essa fé era transmitida de pais para filhos e, como não possuía quase rigor

algum, favoreceu o sincretismo religioso que mistura elementos das crenças indígenas e africanas com o catolicismo romano. Tal situação reflete até os dias de hoje no cenário religioso brasileiro.

Com efeito, em 1808, a vinda da família real para o Brasil trouxe nova esperança para a fé católica, uma vez que vieram também bispos com o intuito de alinhar a Igreja do Brasil ao modelo eclesial tridentino, ao qual o ensino da doutrina cristã ocupou posição fundamental para implementar a reforma de Trento. Os bispos, além de escreverem cartas pastorais, em suas visitas aos territórios paroquiais, realizavam enfáticas catequeses. E ainda, trouxeram da Europa grande congregações de carisma educacional, que nas escolas conseguiram inserir o espírito da reforma eclesial. Neste período, foram elaborados pelos bispos do Brasil diversos catecismos de caráter doutrinal, teológico e apologético e junto com estes textos, eram também amplamente difundidos os devocionários, manuais de oração, novenários, terços e livros de piedade.

1. 2. A renovação eclesial e incidência da catequese neste processo

O século XX, assim como no aspecto social e cultural, é um marco também na mudança de paradigma no ambiente religioso. Em meados do século XX é que houve a efervescência de movimentos dentro da Igreja, que ansiavam por uma renovação eclesial e diálogo com a modernidade, que culminou no Concílio Vaticano II na década de 60. Estes movimentos buscavam renovação bíblica, teológica, litúrgica, ecumênica e, no que mais nos interessa, uma inovação psicopedagógica, assim como já vinha acontecendo nas escolas da época. Todos estes ensejos foram favoráveis e fortaleceram o movimento catequético:

Vários métodos foram sendo criados na Europa, em busca de uma catequese capaz de chegar às pessoas do século XX que viviam numa sociedade urbanizada e secular, na qual a família e a própria sociedade já não eram, por si mesmas, ambientes capazes de promover a educação cristã das crianças e adolescentes. A pedagogia nas escolas formais também avançava, trazendo novos pensamentos, contribuições e métodos de educação escolar. Eles serviram de inspiração para os catequistas e para os catequetas (Ecoando Ano XI, n.43,1988).

Podemos definir o Movimento catequético como um conjunto de pessoas que, com suas reflexões, pesquisas e influencia ampliaram a compreensão e a atuação da catequese, com atenção a identidade catequética, ao método, aos destinatários e aos responsáveis. Algo que ajudou a difundir rapidamente estas ideias e experiências foram as publicações do gênero.

Identificamos no Movimento Catequético três fortes linhas de frente: 1) a defesa do *querigma*, que além de propor um retorno *bíblico-litúrgico* coloca como eixo central o Mistério Pascal de Cristo; 2) a defesa *antropológica-experiencial*, que se centra no destinatário e sua experiência dos mistérios da fé; 3) a defesa *profético-libertador*, dando ênfase as consequências sócio políticas da vida cristã (Cf. LIMA, 2016, p.54).

Importante sublinhar que em meio a tudo isso, o Brasil, no seu contexto histórico, caminhou a passos lentos e a catequese do início do século XX manteve-se enraizada no âmbito doutrinal, baseando-se em catecismos nacionais sobre a doutrina cristã com fórmulas precisas e simples, as quais os catequizando facilmente memorizavam. Tal perfil catequético se fortificou com a

recepção da encíclica de 1905, *Acerbo Nimis* do Papa Pio X, que incentivava o retorno da catequese a dimensão teológico intelectual em que a educação cristã tivesse repercussões na vida cotidiana. Além disso, pela encíclica, o Papa autorizou que crianças a partir de sete anos recebessem a Eucaristia, e deste modo, a catequese não se dirigia apenas à alguns adultos, mas também a jovens e crianças, assumindo um caráter de formação permanente.

Com a amplitude das tarefas catequéticas e a falta de clérigos, a necessidade de catequisar fez com que os bispos e padres recorressem, cada vez mais, aos leigos. Mas, como estes não estavam devidamente preparados era preciso oferecer uma formação religiosa profunda. Neste sentido, contou-se fortemente com o apoio da Ação Católica, movimento fundado por Pio XI que visava incluir o laicato na missão do fortalecimento da fé religiosa baseando-se na Doutrina Social da Igreja, ao qual enriqueceu muito a catequese com o método Ver, Julgar e Agir:

A catequese no Brasil recebeu novidades, num primeiro momento, devido à recepção da encíclica *Acerbo Nimis*, de Pio X, mas também influenciada pelo Movimento de Munique. A Ação Católica também contribuiu para a renovação catequética no país, ajudando a erigir os leigos em corresponsáveis pelo desenvolvimento da catequese, impulsionando também a luta pelo ensino religioso nas escolas (Ecoando Ano XI n.43).

Ainda na primeira metade do século XX, o ensino religioso passou a ser ministrado nas escolas, o que incidiu diretamente no modelo catequético, pois nessa época introduzia-se no âmbito escolar as referências das ciências humanas, a influência da pedagogia ativa e da “escola nova”. Estas inspirações demonstraram que a inteligência da criança procede pela associação e não pela análise, como um adulto, propondo para a catequese um método psicológico e de raiz indutiva, superando o dedutivismo do catecismo doutrinal e, a partir disso, dá-se grande valor ao *querigma* sustentado pela Liturgia e pela Bíblia (Cf. LIMA, 2016, p.55).

1.3. A Catequese e o Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II não foi apenas uma proposta que surgiu nos anos 60, mas ele foi fruto do anseio de renovação eclesial e diálogo com o mundo moderno que já vinha sendo anunciado desde o final do século XIX. A mensagem do Concílio é a mesma de sempre: o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas o modo comunicá-lo ao mundo é sempre dinâmico, e nesse sentido é preciso adequar a nossa linguagem, posturas e gestos, a fim de oferecer uma reposta mais eficaz, capaz de transformar o mundo num lugar melhor para acolher o Reino de Deus e responder aos desafios do nosso tempo.

Nosso mundo já não é o da Cristandade. Nem todos nascem em berço católico e são educados nessa fé. As estatísticas mostram, cada vez mais, o declínio no número de Católicos e o crescimento de adeptos de outros credos e do ateísmo. Isso tem que nos chamar a atenção para identificarmos o modo como estamos aplicando nossas forças na evangelização, se nosso modo ainda é eficaz e busca novos caminhos para transmissão da fé em nosso tempo. Este é o convite do Concílio Vaticano II: ler os sinais dos tempos e escutar o Espírito que está no mundo (Cf. ZAGHENI, 1999, p.368-369).

O modelo escolástico de memorização de fórmulas do conteúdo da fé cristã católica presume que as pessoas já são católicas, e essa já não é uma realidade muito recorrente. Além disso, a sociedade contemporânea não se satisfaz com verdades apresentadas e impostas, e olha com desconfiança tais propostas. As pessoas do nosso tempo precisam ser encantadas e atraídas pela novidade do Evangelho, de modo a se sentirem convidadas a um aprofundamento da fé. É preciso convencer para aderir e converter, isso por meio de uma proposta e não de uma imposição. Não estamos diante de uma sociedade evangelizada como na cristandade, por isso é preciso pensar numa nova evangelização para a transmissão da fé (Cf. *Evangelii Gaudium*, 2013). Desta proposta de Nova Evangelização a Catequese está a serviço.

Nosso intento é, partindo dessa base histórica, mostrar o porquê a experiência dos primeiros cristãos, em especial no processo catecumenal, como algo relevante diante do nosso contexto histórico. O concílio Vaticano II propõe uma volta às fontes para resgatar a identidade mais genuína do ser cristão. Nesse sentido, a catequese recebe convite de buscar sua inspiração inicial e a partir disso buscar corresponder aos desafios do mundo contemporâneo.

CAPÍTULO II

NOVOS TEMPOS, “NOVA” EVANGELIZAÇÃO

A proposta deste capítulo é refletir a respeito da mudança de mentalidade na contemporaneidade, apresentada como tempos de crise que angustiam o ser humano, o faz mergulhar em um pessimismo que veda seus olhos, impedindo ver que, junto às dificuldades, existem uma infinidade de boas oportunidades para o amadurecimento da fé pessoal e comunitário. Tudo isso tornou ainda mais desafiadora a ação evangelizadora da Igreja, que busca ser sinal de esperança, e luz para aqueles que estão nas trevas.

A Igreja então apresenta como novidade um referencial, que resgatou de sua própria história: o Catecumenato, a maior instituição do início do cristianismo e que foi protagonista de tantas conversões. É nesse sentido que foram postas aspas na palavra nova, para indicar que é novidade para nós, mas que é referência à um tesouro antigo da Igreja.

A partir dos elementos que alicerçaram o catecumenato, a saber, o *Querigma* e a *Mistagogia*, lançam-se bases para um novo processo de evangelização, capaz de transformar uma estrutura doutrinalista e sacramentalista, em uma pastoralidade que transmite, de forma viva e eficaz, a mensagem do Cristo.

2.1. Tempos de Crise: oportunidade para conversão pastoral

A cultura e a Igreja são realidades contingentes, uma vez que estão sujeitas ao tempo e ao espaço, caracterizando-se por serem, ambas, mutáveis e dinâmicas. Além disso, é importante perceber que estas duas realidades são interdependentes, pois, ao mesmo tempo em que a religião tem a capacidade de moldar a cultura, a religião só consegue se manter na história à medida em que dialoga com a cultura. Deste modo é importante perceber que, toda vez em que se apresenta uma virada cultural alterando o modo de ser e de se comportar de uma sociedade, será preciso reexaminar toda atividade pastoral da Igreja para que a mensagem cristã possa se manter em todos os tempos e lugares como uma mensagem relevante, falando ao coração de todo ser humano.

O Concílio Vaticano II, em especial, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, já nos apontava para essa profunda conexão que deve haver entre a Fé que recebemos da Igreja e a história, o ser e acontecer humano no tempo:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao género humano e à sua história. (GS,1965, n.1)

As reflexões levantadas pelo Concílio Vaticano II, mesmo tendo sido desenvolvidas a mais de cinquenta anos, ainda ecoam nos dias de hoje como uma proposta atual, e que, para nós da América Latina, encontrou especial relevância na compreensão da “mudança de época” em que se discutiu demasiadamente na V Conferência do Episcopado Latino-Americana e do Caribe refletindo a respeito das profundas transformações ocorridas nas instancias sociais, culturais e religiosas.

“Toda mudança de época é portadora de crise” (REINERT, 2018, p.10), e aqui é conveniente dizer a respeito da crise que acometem as instituições religiosas. Reinert em seu livro *Inspiração Catecumenal e Conversão Pastoral*

destaca três aspectos da cultura hodierna que além de influenciar na sociedade, na política e na economia, influenciam também no modo de se relacionar com Deus e com a religião. São estas, o Hiperindividualismo, o Hipercapitalismo, e a Hipertecnologia.

Sem dúvidas, ao se pensar a sociedade pós-moderna, a característica que mais nos chama atenção é a primazia do “eu” com fortes traços de individualismo com prejuízo ao “nós”. Neste cenário, as pessoas buscam um contato mais direto com Deus, porém perdeu-se significativamente o sentido desse encontro dentro de uma comunidade. O crente cria sua própria religiosidade com o jeito que mais convém às suas opções de vida, não necessitando de instituições com sistema religioso organizado. Ou seja, o Hiperindividualismo indica que a religião não pode mais ser identificada com instituição religiosa (Cf. REINERT, 2018)

Uma outra marca preponderante da atual cultura é o modo como a dimensão econômica tornou-se um fundamento que norteia e articula as relações sociais em que o consumo não é mais uma consequência da produção de mercadorias, mas passa a ser uma necessidade que a sociedade globalizada impõe, produzindo consumidores. Nesta lógica do Hipercapitalismo, a V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe “Na globalização, a dinâmica do mercado absolutiza com facilidade a eficácia e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas” (Cf. DAp, 2007). Dentro dessa dinâmica o crente absolve a lógica mercantil e estabelece relações comerciais com Deus, e a salvação é compreendida como prosperidade material; como cura de doenças; como relações afetivas que atendam a necessidade do momento em vista somente do prazer e sem nenhum compromisso moral e ético. Em outras palavras, Deus se tornou aquele que simplesmente oferece uma resolução instantânea e mágica para os problemas de cada indivíduo. Deste modo, para muitos a religião tornou-se a oportunidade para um bom negócio. (Cf. REINERT, 2018)

O terceiro aspecto que desperta nossa atenção nesta análise é a Hipertecnologia. As transformações na cultura alcançam um nível global graças ao desenvolvimento tecnológico, em especial, dos meios de comunicação.

Somos todos, voluntaria ou involuntariamente, militantes da revolução digital. Os referidos avanços da ciência e da técnica, em si não são ruins, oferecem mais conforto ao ser humano, salvam vidas, oferecem oportunidades genuínas para o progresso. O problema se encontra quando o humano se inebria com suas criações, abasolutizando a ciência como se ela pudesse explicar tudo e, então, se acha como Deus, não recorrendo mais ao auxílio divino e nem a fé. Além disso, podemos dizer que, mesmo a tecnologia favorecendo a propagação do Evangelho, ao mesmo tempo faz da fé um produto ao qual se pode adquirir como bem de consumo. (Cf. REINERT, 2018)

Estes aspectos são uma realidade atuantes já a um tempo considerável, com efeito, tornaram-se ainda mais agudos nos últimos três anos, quando em 2020 se espalhou pelo mundo o vírus do COVID-19. Essa pandemia obrigou as pessoas ao isolamento, fazendo com que muitas delas se deparassem com fragilidades que antes não eram tão evidentes. O Hiperindividualismo, o Hipercapitalismo, e a Hipertecnologia ganharam espaços ainda maiores. Do ponto de vista da religiosidade, não são raros os casos de pessoas que concluíram que não necessitam da comunidade de fé, ou pelo menos de uma interação física com ela, outros ainda, que é suficiente a oração individual. Tantos foram também os que fizeram da fé um bem de consumo e adentraram na lógica e competitividade do mercado, para garantir o suprimento do caixa de suas comunidades e o quanto a tecnologia favoreceu essa disputa mercantil. Enfim, ao se falar de “mudança de época”, não se pode negligenciar os impactos deixados pela Pandemia do Covid-19, que ainda estamos vivendo, mas que já devemos repensar como será a nossa ação pastoral em tempos de pós-pandemia, em tantas coisas consideradas como valores solidificados tornaram-se questionáveis e debilitados. Daí a urgência de uma conversão pastoral que saiba propor a fé (Cf. REINERT, 2018).

O cenário de crise é angustiante devido aos seus rios, uma vez que, pode pôr fim a tantas coisas que considerávamos seguras. A situação é desafiadora, mas isso não significa que se perderam as perspectivas. A tarefa que se impõe aos cristãos não é fácil, entretanto a ação evangelizadora em sua gênese é um arriscar-se constante, é suscitar a fé onde habita a desesperança

e nisso está a beleza do anúncio do Evangelho de Jesus Cristo. É importante se ater que toda crise gera conversão, são como dores de parto, que fazem sofrer. Mas, ao mesmo tempo, traz uma novidade repleta de novas possibilidades (Cf. REINERT, 2018). É tempo de recomeçar considerando a urgência de uma conversão pastoral:

O Evangelho não mudou, mas mudaram os interlocutores, os modelos, as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e das mulheres de hoje. Jesus nos convida a sair, escutar, a servir em um movimento de transformação missionária de nossa Igreja (DOC 107 CNBB, n. 51)

Para que o anúncio do evangelho aconteça, é necessária a devida atenção aos desafios da realidade. Por exemplo, em tempos marcados pela subjetividade e centralidade do indivíduo, é preciso desenvolver um processo de evangelização mais atenta a cada pessoa com suas particularidades e que, sem perder a perspectiva comunitária, considere cada pessoa como sujeito. Em especial, num contexto de pandemia e pós-pandemia investir mais forças numa pastoral que vise a acolhida, a escuta, o discernimento e o acompanhamento.

Em meio a uma sociedade que busca a satisfação desenfreada dos mais diversos prazeres – no campo da fé, destaco o apelo emocional –, faz-se oportuno propor um caminho mistagógico que valorize os sentidos, que seja atrativa, sem necessitar do racionalismo exacerbado, que por tanto tempo foi propagado. Valorize-se o calor humano, o corpo como instrumento de oração, uma linguagem mais acessível e que fale aos corações.

Diante do exposto vemos que “a fé é uma realidade dinâmica, enraizada no tempo e no espaço”. Por esta razão, precisamos de uma ação evangelizadora qualificada para dialogar com a cultura, lançando luzes sobre a realidade e, ao mesmo tempo, deixar-se ser questionada por ela. Neste sentido, a iniciação cristã é apresentada como instrumento oportuno para ajudar o sujeito a viver sua fé sem desassociar-se de sua cultura (Cf. REINERT, 2018).

O desafio da ação evangelizadora na contemporaneidade pode ser comparado ao desafio dos primeiros cristãos que para anunciar o evangelho adaptou-se condições culturais e religiosas do mundo judeu e helênico. Os métodos baseados em suposição de conteúdo ou imposição de doutrina, já não cabem em nosso tempo. É momento de propor, de oferecer uma evangelização integral que apresente a beleza do Evangelho e resgate um cristianismo atraente e contagiante. É o tempo de passagem de uma catequese escolástica para uma catequese vivencial e celebrativa, de Inspiração Catecumenal.

2.2. A Inspiração Catecumenal como resposta às urgências da ação evangelizadora

Até agora fizemos um caminho que mostra que não estamos mais numa sociedade majoritariamente cristã, que os tempos são outros e por isso não podemos persistir no processo de evangelização que não leva em conta essa afirmação como se ainda vivêssemos na cristandade. O contexto social para transmissão da fé está completamente diferente, estamos em um mundo secularizado, pluralista, descristianizado e indiferente. Neste contexto missionário apresenta-se uma tensão entre o anúncio do Evangelho e os desafios da cultura. Fazendo esta leitura, é que, desde o concílio Vaticano II a Igreja convoca a todos para uma conversão pastoral como exigência para ação evangelizadora dos novos tempos.

Quando se trata de conversão a Igreja está propondo uma mudança de caminho e mentalidade, apontando para um novo jeito de pensar e agir. Mas, esse processo de conversão requer de autoanálise, como afirma Reinert (2018, p.42): “Converter-se é algo que exige a consciência de ‘onde’ e ‘como’ se está. Sem essa consciência do ‘onde’ e do ‘como’ não é possível ir a lugar algum”. Nós apresentamos essa autoanálise da Igreja e a conclusão que se chega é que estamos realizando apenas uma pastoral de manutenção, que tem a ilusão de que as pessoas já nascem cristãs. Mas não é assim! É preciso ir ao encontro das pessoas e anunciar o evangelho, é um trabalho de conquista por isso é preciso converter para uma pastoral decididamente missionária (Cf. DAp, 2007). Neste sentido é que o Papa Francisco insiste em sua exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (EG, 2012, n.27).

A conversão pastoral encontra direcionamento nestes dois referenciais: “Pastoral decididamente missionária” e “Igreja em saída”. Ciente disso a igreja propõe um caminho que garanta que não os perca de vista. Este caminho é a Inspiração Catecumenal. O resgate do catecumenato é elemento fundamental no conjunto de conversões pastorais de uma igreja em saída (Cf. REINERT, 2018). Isso porque, O catecumenato surgiu num contexto missionário hostil em que não se nascia cristão e a fé tinha de ser proposta, gerada, desenvolvida e amadurecida progressivamente. Essa situação é muito semelhante a que passamos hoje e, por isso, a Inspiração Catecumenal tornou-se um paradigma para a nova evangelização. Além disso, Inspiração Catecumenal, ao mesmo tempo que indica a direção da conversão pastoral, denuncia as expressões de pastoral de manutenção.

Fazendo um recorte mais específico ao âmbito da catequese, podemos dizer que herdamos um processo conteudista, marcadamente doutrinal e fundamentado em explicações racionais. É notável a deficiência de experiência de Deus e a falta de uma *mistagogia*. Isso reflete no modo de ser e agir dos cristãos de hoje. A Inspiração Catecumenal confronta essa realidade porque mostra que o encontro com Jesus é o ponto de partida e também o ponto de chegada da iniciação cristã. Nesta proposta de encontro, segundo a Inspiração Catecumenal, não se pode perder de vista duas dimensões que é o *querigma* e a *mistagogia*, a primeira dimensão trata-se do anúncio da pessoa de Jesus Cristo e convence a sempre querer conhecer mais do mistério de sua vida; e a segunda dimensão refere-se às condições necessária para que o encontro com Jesus se realize, não somente intelectual, dentro do mundo das ideias, mas na vida, porque mais do que a mente, o verdadeiro encontro com Jesus, atinge o coração e a existência. Por tanto, estas duas dimensões são o alicerce que sustentam toda estrutura catecumenal lançando luzes para as saídas pastorais e eclesiais por serem, fundamentalmente, um projeto pastoral missionário.

2.2.1. Querigma

Querigma é um termo de origem grega oriundo do verbo *Kerussein* e se refere a ação de anunciar e, no contexto cristão refere-se ao despertar da fé e seu conteúdo é cristológico, trinitário e pascal. Como diz a Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (n.164): “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar”. A mensagem central do *querigma* diz respeito ao Cristo crucificado e ressuscitado que revela a força e um Deus que nos salva.

Com efeito, o grande risco da ação evangelizadora é reduzir-se ao anúncio verbal do conteúdo do cristianismo que, sem dúvida alguma é algo fundamental, contudo é o *Querigma* que propicia a abertura e a comunhão com o Espírito, e dessa comunhão é que nasce a força transformadora da Palavra anunciada. O *Querigma*, nada mais é do que deixar-se ser penetrado pela “experiência viva e vivificante do Espírito Santo que soprou nos corações e revolucionou a vida da Igreja primitiva” (Cf. COSTA, 2014, p.178). Se olharmos as primeiras comunidades, elas não apenas acolhiam o Evangelho, mas saíam a proclamá-lo chamando novas pessoas para também aderirem a essa experiência vivificante a contagiadora. Era algo tão forte que nem os limites culturais e geográficos conseguiam conter a mensagem evangélica anunciada pelos primeiros cristãos. Mas, essa missão dos primeiros cristãos não era exercida de qualquer jeito, a grande tática para que a mensagem cristã se espalhasse, que era fazer com que a novidade do cristianismo dialogasse com a realidade de cada povo. Partiam do princípio que a evangelização é um encontro com a pessoa no seu cotidiano, nas suas circunstâncias.

Tornei-me o servo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Com os judeus, comportei-me como judeu, a fim de ganhar os judeus; com os que estão sujeitos à Lei, comportei-me como se estivesse sujeito à Lei — embora eu não esteja sujeito à Lei —, a fim de ganhar aqueles que estão sujeitos à Lei. Com aqueles que vivem sem a Lei, comportei-me como se vivesse sem a Lei — embora eu não viva sem a lei de Deus, pois estou sob a lei de Cristo —, para ganhar aqueles que vivem sem a Lei. Com os fracos, tornei-me fraco, a fim de ganhar os fracos. Tornei-me tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo. Tudo isso eu o faço por causa do Evangelho, para me tornar participante dele. (1Cor 9, 19b-23)

A mensagem do evangelho é uma expressão profunda do amor de Deus pela humanidade. O encontro com o Cristo Ressuscitado corresponde aos anseios daqueles que não tem suas perguntas respondidas pela sociedade. É essa experiência pascal que preenchem a vida das primeiras comunidades de ardor e renovação, pois a ressurreição deu aos discípulos de Jesus a certeza sobre aquilo que acreditavam, que com pouco tempo foi selada em Pentecostes, com a descida do Espírito Santo, que fez nascer o *Querigma*. Desde, então o espírito sopra e vivifica o movimento de expansão do cristianismo.

O *Querigma* não é um anúncio comum que transmite algum conteúdo de fé, a sua vitalidade ultrapassa as palavras porque a obrigação religiosa e moral, que não impõe a verdade, mas a propõe na liberdade e que seja caracterizado por uma alegria estimulante e vivificadora de tal modo harmoniosa que não permita que a pregação se reduza a doutrinas que deveras é mais filosófica que evangélica (EG, 2012).

Ao resgatar a Inspiração Catecumenal, a Igreja quer sentir essa força impulsionadora do *Querigma*, fazendo autênticos discípulos missionários para uma Igreja em saída. A partir disso, entende-se que o *Querigma* não diz respeito somente a etapa inicial de um processo catequético, mas é uma dimensão constitutiva de toda a ação evangelizadora e, portanto, deve ser revisitada constantemente, pois é este o anúncio que alimenta o ser e o agir cristão.

2.2.2. Mistagogia

O anúncio do *querigma* não pode ser feito de qualquer modo e sob qualquer condição. Trata-se do anúncio de um mistério salvífico que precisa ser ouvido, experimentado e vivido. Como afirmou o Papa Paulo VI, no número 20 da *Evangelii Nuntiandi* (1975), que a evangelização não pode ser feita de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes. Para alcançar este objetivo o anúncio querigmático não pode ser uma proclamação doutrinária, mas algo que seja envolvente, contagiante, provocativo, apaixonante e dinâmico. Ou seja, tem maneira, condição e linguagem específicas para se proclamar o *querigma*,

esse conjunto de elementos chamamos de *Mistagogia*. A *mistagogia* é uma palavra grega composta do substantivo *mystes* (mistério) e do verbo *agein* (conduzir), significando ser conduzido pelo mistério. *Mistagogia* é, portanto, tudo aquilo que conduz ao encontro com Cristo, que gera uma experiência de fé, que opera uma mudança de vida, que torna discípulo e impulsiona à missão. Esta *mistagogia* deve estar presente na catequese, nos ritos celebrativos, na acolhida da comunidade e em qualquer instância que seja mediadora do encontro com Jesus Cristo e com a Comunidade eclesial. Isto nos leva a entender que *querigma* e *mistagogia* são fundamentalmente relacionados, um exige o outro, o *querigma* precisa ser anunciado mistagogicamente.

Podemos dizer que, a *mistagogia* diz respeito a alteridade divina, porque, na sua dinâmica, possibilita aos seres humanos a experiência de reconhecimento e de encontro, de descobrimento e acolhida pessoal da graça de Deus. É a divindade que se autocomunica, vem ao nosso encontro para revelar seu projeto salvífico e amoroso a cada um de nós. Ou seja, a *mistagogia* nos faz tomar consciência da presença de Deus no mais profundo do nosso ser. É preciso, por tanto, “prestar atenção à presença de Deus na sua própria vida, no seu íntimo, como também nos sinais de sua comunicação incessante no mundo, na sua Palavra, na história, na natureza, nas comunidades, nas relações e nos acontecimentos” (Cf. COSTA, p.179. 2014).

Deste modo, qualquer projeto de evangelização que queira corresponder dignamente com a mensagem a ser transmitida, necessita estar orientado para a *mistagogia*, no mistério que reside em cada um, sustentando e conduzindo. Com efeito, nota-se uma deficiência no modo como tem sido anunciado o *querigma*, que muitas vezes, encontra-se carente de *mistagogia* e o anúncio não reflete a beleza e riqueza do conteúdo anunciado. Isso acontece quando as proclamações se tornam autorreferenciais, que ao invés de apontar para o Cristo e para a espiritualidade, aponta para instituição e suas normas. Catequeses focadas em ações de preceitos, em doutrinalismos, legalismos e ritualismos não conduzem ao encontro com Jesus Cristo, não inserem e nem despertam sentimento de pertença eclesial.

Querigma e *Mistagogia* constituíram-se como pilar do catecumenato na evangelização primitiva do cristianismo, e esta inspiração ilumina a ação evangelizadora da contemporaneidade, em especial a catequese que muitas vezes é pensada apenas como preparação doutrinal e moral em vista dos sacramentos. Os elementos querigmáticos e mistagógicos conduzem a um comprometimento da vida com a causa de Jesus, através de uma experiência pascal de conversão e, ao mesmo tempo, levar a querer compartilhar esta experiência, por isso é caminho seguro para formar discípulos missionários para uma igreja em saída, correspondendo aos anseios da Igreja dos nossos tempos.

2.3. Sacramentos não são ponto de chegada, mas ponto de partida!

O método catecumenal demonstra que é possível superar a ideia tradicional que resume a ação evangelizadora, em especial a catequese em preparação doutrinal e moral destinada aos sacramentos. Antes mesmo de pensarmos na recepção dos sacramentos é necessário assimilar os mistérios da fé cristã e integrá-los em nossas vidas. “O sacramento é uma consequência de uma adesão à proposta do Reino, vivida na Igreja” (REINERT, 2018, p.58). O crescimento da fé é um processo permanente ao qual os sacramentos alimentam e geram consequências na vida do fiel.

Diferente da catequese tradicional em que tudo convergia para os sacramentos e na conveniente preparação para recebê-los, o método catecumenal compreende que ser iniciado ontologicamente e sacramentalmente apenas faz sentido diante de iniciação existencial, que provoca a experiência do encontro, que converte criando uma nova consciência e faz discípulos e missionários. Ou seja, ao se propor uma Inspiração Catecumenal como fonte evangelizadora para a catequese, não estamos objetivando os sacramentos, mas a “sacramentalidade da maturação da fé e da vida cristã” (REINERT, 2018, p.59).

É preciso ter claro que a sacramentalidade da Iniciação à Vida Cristã não pode ser resumida aos sacramentos de iniciação, mesmo que esse seja um marco importante no processo de se tornar cristão. Na dinâmica do catecumenato, todo o itinerário da Iniciação à Vida Cristã é sacramental e ainda, este é um processo permanente, porque diz respeito ao encontro com o mistério de Jesus Cristo, e este mistério sempre está se desvelando, nunca o acessamos por inteiro, de modo que é uma eterna novidade, nascemos, crescemos e nos aproximamos da morte na busca do encontro com o mistério salvífico revelado em Jesus Cristo. Neste sentido, nos alerta a II Conferência Episcopal Latino-Americana em relação ao paradigma sacramentalista que dá pouca ênfase a previa evangelização (Cf. Medellin, 1968).

O sacramentalismo pastoral faz da Igreja uma prestadora de serviços religiosos em que as pessoas vão em busca de serviços especializados em detrimento ao comprometimento com a dimensão comunitária da fé.

Diante disso podemos perceber o quanto a proposta catecumenal ilumina a nossa catequese para que resgate a sua identidade original de formadora de discípulos missionários de Jesus Cristo, uma vez que a iniciação cristã catecumenal tem como objetivo a maturidade cristã e todos os seus elementos se dirigem para essa meta. Nesse sentido todo o percurso é sacramental, porque nele tudo se celebra. A evolução na fé, a maturação que se conquista progressivamente é celebrada liturgicamente. Nesta dinâmica, as celebrações não são apêndices, mas são a marca de passagem de uma etapa já percorrida e também o início de uma nova a ser começada. Como bem ilustra Solange Maria do Carmo, na sua reflexão sobre a Catequese no mundo atual, comparando a tarefa do catequizando a de um andarilho:

Ele não anda em busca de outra coisa a não ser do caminho. Ele só precisa do caminho; não precisa da chegada, nem de prêmios, nem de um ponto estável ao fim do percurso. Para ele todo ponto de chegada é, ao mesmo, tempo e necessariamente, ponto de partida, sua vida de andarilho só adquire sentido na estrada. (CARMO, p. 220, 2016.)

Tal exemplo sintetiza bem o propósito deste tópico, porque transmite a ideia de que todos somos andarilhos no percurso da catequese, e temos uma tarefa que é incessante, isto é, caminhar ao encontro. Temos que nos compreender como neófitos permanentes, para os quais, cada celebração dos sacramentos constitui-se como alimento que fortalece a continuidade da caminhada e são ainda momentos para contemplar, tomar consciência que que é necessário dar novos passos no longo do caminho a ser percorrido. Ou seja, a passagem que os ritos sacramentais celebram não feitas de modo automático, mas requer que haja discernimento, consciência, liberdade e amadurecimento, características que devem se manifestar nas celebrações dos sacramentos. Na proposta catecumenal não tem em vista uma caminhada meramente racional e escolástica, além de se firmar no conhecimento racional do Mistério, procura firmar-se também na experiência, na celebração da fé impulsionada pelo coração.

Considerando todas essas ideias, compreendemos que o catecumenato nos aponta para duas dimensões que são indissociáveis na vida cristã: a dimensão existencial e a dimensão sacramental. Elas se complementam e se exigem, de tal modo que, se falta uma dessas dimensões, toda formação cristã fica comprometida.

Sem dúvidas, o catecumenato é a proposta que melhor contribui na conscientização teológico-pastoral de que a Iniciação à Vida Cristã significa essencialmente iniciação à vida de Jesus Cristo, ao qual os sacramentos são sinais e, simultaneamente, sustentação desse caminho permanente de iniciação.

CAPÍTULO III

APLICABILIDADE DA INSPIRAÇÃO CATECUMENAL

Este capítulo pretende apresentar, de modo sucinto, as experiências de Inspiração Catecumenal que a Igreja já realizou e realiza, após o apelo de retorno as fontes conclamado pelo Concílio Ecumênico Vaticano II. Tais experiências constituíram uma riqueza de documentos que norteiam o caminhar.

Depois de uma breve explanação das experiências catecumenais, procura-se demonstrar a metodologia própria de uma catequese de Inspiração Catecumenal com os fundamentos e características que devem ser preservados, para, enfim, definir um itinerário que corresponda eficazmente a proposta catecumenal.

Conclui-se o capítulo, apresentando a Inspiração catecumenal não como uma ação pastoral de um grupo eclesial específico, mas como um paradigma que extrapola seu campo de atuação e se torna capaz de inspirar outras ações eclesiais e que melhor corresponde a proposta do Papa Francisco de uma “Igreja em saída”, pronta para apontar caminhos para a “nova etapa evangelizadora”

3.1. Propostas de resgate da Inspiração Catecumenal

Na contemporaneidade, a Igreja apresenta o catecumenato como uma inspiração, porque contém elementos importantes, que, se devidamente adaptados ao nosso contexto, podem colaborar significativamente com a construção de novas metodologias que correspondam à diversidade de realidades e situações desafiadoras que nos são apresentadas. Ou seja, não se trata de uma proposta fechada na qual nada pode ser acrescentado ou tirado, mas comporta adaptação, então surge a necessidade de se identificar no catecumenato aquilo que é essencial para iluminar as experiências genuínas que já temos e, a partir disso, elaborar novos itinerários que ofereçam a catequese um estilo iniciático (Cf. ESTUDO 97, 2009).

A fonte catecumenal, a partir dos elementos básicos que a constituem, está sempre a evocar para toda a Igreja o quão importante é o papel da Iniciação a Vida Cristã, uma vez que trabalha a unidade dos sacramentos de Batismo, Crisma e Eucaristia dentro de um processo evangelizador que conduz a um encontro com Cristo e a Comunidade. Ao mesmo tempo, coloca a comunidade diante de sua responsabilidade fundamental: ser mãe que gera novos filhos para a Igreja. É preciso manter viva essa consciência maternal da Igreja, enquanto aquela que acolhe, que motiva e que dá testemunho da fé para os que estão sendo iniciados.

Podemos salientar ainda o quanto a experiência catecumenal está impregnada do mistério pascal, sendo capaz de mostrar que, o que é celebrado na liturgia deve também ser anunciado na catequese. Ensina ainda que, ao pregar mensagem cristã, além de dizer quem é Deus e o seu desígnio salvífico, deve, como Jesus fez, “revelar o homem a si próprio para que descubra sua sublime vocação” (GS, n.22).

Um outro ensinamento que o catecumenato nos transmite é o da acolhida cultural, quando a comunidade se dirige aos catecúmenos, fala a partir de seus vínculos culturais e seu modo de expressar, conhece sua realidade e integra a sua essência na pregação da mensagem evangélica. Uma boa catequese deve

ser respeitadora dos valores que compõem a cultura daqueles aos quais pretende semear a Palavra.

O catecumenato com sua dimensão mistagógica conduz para dentro do mistério salvífico manifestado em Jesus Cristo, porque opera a conversão no interior humano, que gera uma adesão do Evangelho. Ressalta-se, deste modo, o caráter configurativo. Com efeito, este efeito não é mágico e instantâneo, trata-se de um processo com etapas bem definidas, vinculadas a ritos repletos de sinais e símbolos, e fundamentados nas Sagradas Escrituras. Tudo isso pode ajudar aqueles que adentram na catequese, a viverem segundo os ensinamentos evangélicos e a guardarem os mistérios.

Por fim podemos dizer ainda a respeito da capacidade que o catecumenato possui de integrar fé e vida. Não dá para desassociar aquilo que professamos daquilo que vivemos, que anunciamos Jesus que, notoriamente, tinha uma opção preferencial pelos pobres e excluídos da sociedade, o nosso testemunho não pode ser diferente. Então, esta é mais uma contribuição do catecumenato para a catequese, sua dimensão sociotransformadora, que faz dos cristãos mais comprometidos com a fé no mistério divino e também com a acolhida daqueles que estão necessitados de sentir o amor de Deus em gestos de caridade e generosidade.

Pretender resgatar todos os elementos, acima citados, na estruturação de um novo processo catequético, somente é possível por meio de uma preparação condizente conjugada a uma constante reflexão e revisão de vida. E neste sentido, não nos referimos somente aos catequizados, mas também aos catequistas e a toda comunidade dos fiéis. Pois, a descoberta do mistério no encontro com a pessoa de Jesus Cristo, exige conversão, mudança de vida. Que seja assumida uma vida mais comprometida, segundo a espiritualidade e moral oriunda do Evangelho.

3.1.1. Rito de Iniciação Cristã de Adultos – RICA

“O Concílio Ecumênico Vaticano II determinou a revisão do Rito de Batismo de Adultos, decretando a restauração do catecumenato” (RICA, 2001, p.8). A restauração do catecumenato corresponde a uma proposta de *aggionamento* eclesial que o Concílio promoveu, e que foi responsável pelo avanço catequético e litúrgico da ação evangelizadora dos últimos anos.

O Rito de Iniciação Cristã de Adultos – RICA – constituía um elemento fundamental das primeiras comunidades cristãs. A missão evangelizadora e catequética dessa época foi muito profícua e proporcionava uma verdadeira experiência dos mistérios da fé cristã. Toda a atividade de evangelização estava orientada para o anúncio da pessoa de Jesus Cristo e para a pregação do Reino de Deus. Após o anúncio querigmático, o catecúmeno trilhava um itinerário religioso e espiritual, cabendo à comunidade acompanhar e instruí-lo nesse caminho sacramental e evangélico. Todo esse processo requeria uma preparação que integrasse o candidato de acordo com o período litúrgico, que tinha por ápice a Vigília Pascal.

Encontramos Jesus Cristo, de modo admirável, na Sagrada Liturgia. Ao vivê-la, celebrando o mistério pascal, os discípulos de Cristo penetram mais nos mistérios do Reino e expressam de modo sacramental sua vocação de discípulos e missionários (DAP, 2007, n.250).

Efetivamente, o RICA objetiva unir catequese e liturgia, sendo que uma está ordenada para a outra, de modo que a catequese vai introduzindo o catecúmeno na vida celebrativa da comunidade e ao mesmo tempo permite uma renovação da própria comunidade com a entrada de novos membros por meio da celebração dos ritos de iniciação.

Deste modo, o Rito de Iniciação “é destinado a adultos que, iluminados pelo Espírito Santo, ouviram o anúncio do mistério de Cristo e, conscientes e livres, procuram o Deus vivo e encetam o caminho da fé e da conversão” (RICA, 1). Este itinerário ficou estruturado em três etapas e três ritos: A primeira etapa consiste na conversão inicial e desejo do catecúmeno de se tornar cristão. É o momento em que se faz o rito de Instituição dos catecúmenos. Depois disso, inicia-se uma preparação intensa para receber os Sacramentos, culminando no

rito de Eleição a ser realizado no início da Quaresma. E por fim, na Vigília Pascal, o catecúmeno recebe os Sacramentos da Iniciação Cristã: Batismo, Eucaristia e Crisma (Cf. RICA, 2001).

Todo o processo citado acima conduz a quatro tempos: O primeiro deles é chamado de *Pré-catecumenato*, trata-se do período em que se faz a primeira evangelização, por isso tem um caráter marcadamente querigmático, isto é, apoiado no anúncio da vida Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus. Encerrando-se este período, o candidato é admitido na ordem dos catecúmenos. No *Catecumenato*, que é o segundo tempo proposto pelo RICA, dedica-se à catequese e aos ritos anexos e isso pode durar vários anos, até que se faça a eleição, ato que encerra este tempo. Depois de eleito, inicia-se o terceiro tempo que visa a *Purificação e iluminação* do catecúmeno eleito. Trata-se de uma intensa preparação, que normalmente acontece durante a Quaresma. Durante esse tempo é que são realizados os “escrutínios” e as “entregas”, que avaliam e conferem dignidade ao eleito. Este tempo se encerra com os ritos da Vigília Pascal e a celebração dos Sacramentos da Iniciação Cristã. E, por fim, o último tempo é consagrado à *Mistagogia*, que aprofunda as relações com a comunidade de fiéis por meio da aquisição de experiência e resultados positivos. Este tempo estende por todo o período pascal (Cf. RICA, 2001)

O livro litúrgico do RICA foi aprovado pelo Papa Paulo VI e publicado em 1972. Desde então, tem-se aplicado grande esforço para tornar concreta a rica experiência dessa proposta de formação à vida cristã. Trata-se de um grande desafio dentro da Pastoral, pois “somos herdeiros de um paradigma infantil de catequese, marcado pela ênfase doutrinal e explicação racional” (REINERT, 2018, p.44) em que se percebe uma carência da experiência de Deus e, por consequência, de *mistagogia*. A Igreja percebe que é necessária uma mudança nas diversas práticas catequéticas, que não podem se contentar apenas em preparar os catequizandos para a celebração dos sacramentos. Esse modelo de catequese está em divergência com a proposta do RICA em sua intenção litúrgico-sacramental. De fato, a aplicação do RICA afronta a atual organização e o ideal pastoral das comunidades. Essa proposta chama atenção para a necessidade de abertura e escuta dos catequistas e uma revisão de

metodologias, para que sejam experienciais e participativas, ao mesmo tempo que convoca e exige uma Igreja decidida ao diálogo e ao encontro em uma realidade plural e instigadora.

3.1.2. Caminho Neocatecumenal

O Caminho Neocatecumenal é um movimento eclesial que surgiu por volta de 1964 nas favelas de Palomeras Altas, em Madri na Espanha. Fundado por Francisco Gómez Argüello (Kiko) e Carmen Hernández, que, nos barracos de Palomeras, constroem um barraco sobre o tapume de uma fábrica e começam um trabalho de evangelização entre os pobres e marginalizados, anunciando o Cristo morto e ressuscitado. Propõem, entendendo-se, guiados pelo Espírito Santo, um novo processo de iniciação cristã à imagem do catecumenato da Igreja Primitiva. Neste ambiente desenvolveu-se uma síntese querigmática, teológico-catequética, que é o eixo que sustenta o processo de evangelização de adultos presente no Caminho Neocatecumenal.

Em 1974, dez anos após o início do movimento, o Papa Paulo VI recebeu em audiência as primeiras comunidades do Caminho Neocatecumenal, e nesta o Santo Padre afirmou:

Há aqui os frutos do Concílio! Vós fazeis depois do Batismo o que a Igreja primitiva fazia antes: o antes ou depois é secundário. O fato é que vós olhais a autenticidade, a plenitude, a coerência, a sinceridade da vida cristã. E isso tem um mérito grandioso, que nos consola enormemente (...). Quanta alegria nos dão com sua presença e atividade! (CAMINHO NEOCATECUMENAL, s/d).

O Caminho Neocatecumenal, portanto, é reconhecido como um fruto do Concílio Ecumênico Vaticano II, e considerado uma nova experiência catequética, pois emerge na perspectiva da renovação suscitada pelo Concílio. Nesta esteira, os pontífices que sucederam ao Papa Paulo VI, também impulsionaram e reconheceram o Caminho Neocatecumenal como inspiração do Espírito Santo para colaborar na missão da Igreja.

Francisco Gómez Argüello, fundador do Caminho Neocatecumenal, entende que a Igreja se renova com o anúncio do *Querigma* e do Mistério Pascal.

Com efeito, a compreensão desse anúncio querigmático é tomada a partir de um processo que permeia todas as etapas da vida cristã. Por isso o movimento intenciona abrir um caminho espiritual concreto de iniciação, renovação e valorização do sacramento do batismo, de modo que o catecúmeno descubra o significado real de ser cristão.

Para conduzir a uma comunhão fraterna e a uma fé madura, a proposta do Caminho Neocatecumenal se apoia em três elementos: A Palavra de Deus, a Liturgia e a Comunidade. Tudo isso dentro da dinâmica do *querigma*, que é o carisma da vivência de fé fundamenta nos mistérios pascais do Cristo crucificado e ressuscitado. Este caminho é essencial para o amadurecimento da fé e torna-se fator de integração dos membros do movimento na paróquia como agente de pastoral, pois o propósito do Caminho é viver nas paróquias, em pequenas comunidades formada por pessoas de diversas idades e condições sociais, com a intenção de que todos os seus membros possam, gradualmente, alcançar em intimidade com o Cristo, de modo a se tornarem sujeitos ativos na Igreja e testemunhas do Evangelho.

O serviço do Caminho Neocatecumenal destina-se como colaboração aos bispos e dos párocos, oferecendo um percurso de redescobrimto do Batismo, enquanto riqueza da iniciação que precisa ser reavivada por meio de formação permanente na fé. Nesse sentido, o movimento atua a partir de três direcionamentos pastorais: catequistas itinerantes, família em missão e seminário *Resdemptores Mater*.

Importante salientar que, a partir de 2008, durante o pontificado de Bento XVI, além do reconhecimento, o Pontifício Conselho para os Leigos aprova de modo definitivo o Estatuto do Caminho Neocatecumenal. No presente, o movimento desenvolve seu serviço em 6.270 paróquias dentro de 134 países, com, aproximadamente, 21.300 comunidades compostas por 1.668 famílias em missão.

Com efeito, mesmo havendo desenvolvido um trabalho promissor, o movimento não ficou eximido de críticas, principalmente em razão de seu radicalismo e rigor na formação de seus membros, destacando-se as confissões públicas que expõe publicamente questões particulares. A experiência eclesial

ficou tão permeada de ideologias sectárias, que contradizem seu projeto originário e, por vezes, chega a ser entendida como uma seita dentro da Igreja. Por conta disso, o Caminho Neocatecumenal despertou resistência e críticas de clérigos e teólogos, a ponto de, em 1995, serem acusados, junto com outros movimentos leigos, por fanatismo, sectarismo e conservadorismo. Desta maneira, alegavam que o movimento seria um desserviço, uma vez que tem um impacto divisionista nas paróquias.

Os críticos do movimento, chamam atenção também para o prejuízo aos seus membros em particular que, pelo fato de desvalorizarem a razão e operarem uma condição de "lavagem cerebral" justificada na busca de levar as pessoas a salvação, causam estresse e angústia espiritual em considerável número de fiéis. E por fim, destacam excesso de centralidade do Caminho no carisma e na estética dos iniciadores, corroborando em verdadeiro culto à personalidade.

O Caminho Neocatecumenal é movimento que tem sua validade, e isso foi demonstrado. Mas, corre sério risco de se perder em seu propósito quando tende para a extremidade ideológica. O rigorismo, assim como todo excesso, torna-se nocivo e afasta do próprio fundamento genuíno que o inspirou. É preciso sempre revisitar a inspiração inicial para que ela continue a nortear o projeto a alcançar seu objetivo.

3.1.3. Uma catequese de Inspiração Catecumenal

O Diretório para a Catequese publicado pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização afirma que no centro de cada processo de catequese está o encontro vivo com Cristo (Cf. DC, 2020, n.75), e não apenas a recepção de um sacramento. Muitos dos que pedem ou já receberam a graça dos sacramentos, não tem uma experiência explícita de fé ou não conhecem sua força e seu calor (Cf. DC, 2020, n.56). Isso acontece, muitas vezes, porque as pessoas simplesmente passam por uma catequese formal baseada em enunciação de conceitos de fé. É preciso que a catequese seja “um aprofundamento do *querigma* que se vai, cada vez mais e melhor, se fazendo

carne” (EG 165). “No *querigma*, o sujeito que age é o Senhor Jesus que se manifesta no testemunho daqueles que o anunciam” (Cf. DC, 2020, n.58). Para assumir a natureza querigmática da catequese é preciso ainda, considerar sua Inspiração Catecumenal.

Após o Concílio Ecumênico Vaticano II, muito se discutiu sobre os novos rumos que tomaria a catequese, mas algo mais específico foi elaborado somente em 1979, quando o então Papa João Paulo II escreve a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, em que convoca a Igreja para dar a catequese uma nova estrutura que seja sistemática, mas também uma experiência vital, introduzindo de modo muito sutil a questão da Inspiração Catecumenal.

Buscando atender aos apelos da Nova Evangelização, expressão característica do Papa João Paulo II, os Bispos do Brasil, publicam o Documento 26, chamado *Catequese Renovada* que oferecia orientações e conteúdos que iriam construir novo rosto da catequese nos anos que seguiram.

A *Catequese Renovada* também não tratou de modo explícito da inserção da Inspiração Catecumenal ou Iniciação a Vida Cristã. Com efeito, esse documento introduziu a ideia de processo catequético, retomando a perspectiva antiga presente na *Didaqué*, que entende a catequese é um caminho de descoberta e de crescimento com o Senhor. Ou seja, adota uma pedagogia processual que contempla o desenvolvimento integral do fiel. Tal concepção é muito semelhante a ideia do catecumenato, que nada mais é que, um processo de adesão à fé que vai crescendo paulatinamente. Além disso, o Documento 26 da CNBB tem um forte apelo a integração entre fé e vida. A catequese é entendida como iniciação à fé e vida da comunidade. Mas também, traz a ideia de interação entre Igreja e sociedade que leva a compreender a situação do homem em sociedade para conduzir a Deus. Em suma, a *Catequese Renovada* buscou explicitar os rumos históricos da Catequese, seu princípios, exigências, seus temas, e principalmente sua perspectiva comunitária, pois, segundo o Documento 26, a catequese é um processo de educação comunitária, permanente, progressiva, ordenada, orgânica e sistemática da fé, dentro de um “compromisso de libertação integral, que deve acontecer já aqui e culminar na vida eterna e feliz” (CR, 1983,n.318).

Diante disso, fica claro que a *Catequese Renovada* preparou a transição de uma catequese de escolástica, de caráter predominantemente doutrinal, para uma catequese sistemática (processual) e vivencial que busca se inserir verdadeiramente na comunidade e na sociedade.

No Brasil, a reflexão sobre a Iniciação a Vida Cristã e a Inspiração Catecumenal assume um protagonismo a partir da publicação do Documento 84, o *Diretório Nacional de Catequese* em agosto de 2005.

Para todos a catequese quer garantir uma formação integral, num processo em que estejam presentes a dimensão celebrativo-litúrgica da fé, a conversão para atitudes e comportamentos cristãos e o ensino da doutrina (cf. DGC 29, 88, 89): é a inspiração catecumenal que deve iluminar qualquer processo catequético. (DNC, 2005, n.45).

Tal perspectiva ganha ainda mais espaço diante dos encaminhamentos que dão os bispos da América Latina, reunidos em Aparecida, no ano de 2007. Nessa conferência episcopal, reconhece-se a necessidade de fortalecer e aprofundar a Iniciação à vida Cristã.

Sentimos a urgência de desenvolver em nossas comunidades um processo de Iniciação na Vida Cristã que comece pelo *querigma* e que, guiado pela palavra de Deus, conduza a um encontro pessoal, cada vez mais, com Jesus Cristo (DAp, 2007, n.289).

Como desdobramento destes dois documentos a CNBB, em 2009 desenvolveu um estudo (nº 97) específico sobre Iniciação a Vida Cristã definindo-a como um processo de Inspiração catecumenal que se constitui um modelo para a catequese hodierna. O Estudo 97, somado a tantas reflexões da Igreja a respeito da ação evangelizadora, em especial, a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco, fizeram com que em 2017, a 55ª Assembleia Geral da CNBB apresentasse uma nova reflexão sobre a Iniciação Cristã como um itinerário para formar discípulos missionário, materializando-se no Documento 107. Neste Documento amplia-se a compreensão da importância da Iniciação Cristã na Ação Evangelizadora; chama atenção para a Dimensão Litúrgica como algo que deve ter maior valorização; ressalta a promoção da unidade dos sacramentos de Iniciação à Vida cristã; a ainda a necessidade articulação entre o processo de Iniciação à Vida cristã e a missão da comunidade eclesial. Os Bispos destacam que a Iniciação à Vida cristã deve ser o “eixo

unificador, uma bússola que direciona os esforços de toda Igreja do Brasil, em sua tarefa de Renovação pastoral para maior fidelidade à missão que o Senhor confiou” (Doc 107, 2017, n. 248).

Percebe-se, por meio da quantidade de publicações o quanto que a Igreja do pós-Concílio Vaticano II deu importância ao tema da catequese, assumindo com afinco a tarefa de reorganizar e propiciar uma formação Cristã consistente para seus fiéis, reestruturando o processo de transmissão e educação da fé frente a um período de novas configurações na sociedade e na família.

Existem uma série de impasses e interferências quanto a adaptação e aplicação do Catecumenato. A Inspiração Catecumenal requer uma transformação radical no modo de se fazer catequese, sobretudo nas bases e mediações comunitárias. Por conseguinte, nota-se também uma desproporção entre os documentos e a prática catequética. Por essa razão é que ainda permanecem as reclamações a respeito da precariedade da catequese, da falta de catequistas devidamente preparados e da subsistência de uma catequese orientada por um catecismo de perguntas e respostas.

O cenário catequético contemporâneo exige, portanto, estratégias e linhas de ação para o restabelecimento do Catecumenato como referencial da identidade cristã. Porém, tal intenção implica o reconhecimento do protagonismo leigo e do seu testemunho. Ou seja, os sujeitos desse processo são: a Comunidade Cristã e os próprios iniciados que, com sua participação, manifestam a corresponsabilidade com sua comunidade de fé.

3.2. Método catequético de Inspiração Catecumenal

O catecumenato está estruturado em um complexo orgânico e gradual para iniciar à fé e à vida cristã. Por seu carácter decididamente missionário, o catecumenato torna-se fonte de inspiração para a catequese de todos aqueles que, mesmo já tendo recebido o batismo, não experimentam inteiramente a sua riqueza. A partir disso podemos delinear três propostas de Inspiração Catecumenal, como indica o novo Diretório para a Catequese (2020, n.62).

A primeira delas, trata-se de um catecumenato em sentido estrito para adolescentes, jovens e adultos que ainda não foram batizados; a segunda proposta é um catecumenato em sentido análogo dirigido aos batizados que não completaram os sacramentos da iniciação cristã; e por fim, a terceira proposta é de uma catequese de Inspiração Catecumenal para todos os que receberam os sacramentos da iniciação, mas ainda não estão suficientemente evangelizados ou catequizados, ou ainda, para aqueles que desejam retomar o caminho da fé. Em qualquer que seja a proposta, o “objetivo é de guiar para o encontro pleno com o mistério de Cristo na vida da comunidade” (DC, 2020, n.63).

Existem elementos que são fundamentais no catecumenato que, devido ao seu grande valor, devem ser integrados com coragem e criatividade dentro das novas estruturas catequéticas de Inspiração Catecumenal, Estes elementos são os seguintes:

- a) O carácter pascal: tudo deve se orientar para o mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo;
- b) O carácter iniciático: A catequese deve ajudar cada pessoa a iniciar, na comunidade, o seu caminho pessoal de resposta a Deus que a procurou;
- c) O carácter litúrgico, ritual e simbólico: busca responder às exigências do homem contemporâneo, que geralmente considera mais significativas as experiências sensíveis;
- d) O carácter comunitário: É na comunidade que se faz a experiência da comunhão oferecida por Deus.

- e) o carácter de conversão permanente e de testemunho: recorda que conversão é um caminho gradual, e que nunca está plenamente realizada, mas dura toda a vida.
- f) o carácter de progressividade da experiência formativa: refere-se a um processo dinâmico estruturado em períodos que se sucedem de forma gradual e progressiva. Este carácter evolutivo corresponde à própria biografia da pessoa, que cresce e amadurece no tempo.

3.2.1. Itinerário catequético sob Inspiração Catecumenal

Todo itinerário deve ser iniciado com a Preparação, não se pode admitir improvisos e desleixo, o processo catequético deve ser assumido com seriedade e compromisso. É importante que, pelo menos, durante um mês, faça-se o convite para participarem da catequese, envolvendo toda comunidade na divulgação, despertar as pessoas para se aprofundarem na fé.

A catequese não deve ser iniciada despejando sobre o catequizando uma soma de conhecimentos, por mais interessantes e ricos que sejam. O primeiro Tempo da catequese deve ser querigmático, e proporcionar uma experiência de encontro com Jesus Cristo que favoreça a adesão e a conversão a Ele. Esse tempo que pode durar em torno de três meses corresponde ao pré-catecumenato, que celebra o desejo de aprofundamento da fé junto à comunidade.

O segundo Tempo começa a realizar o aprofundamento da fé, por se tratar de um aprofundamento exige mais tempo, do contrário seria superficial. Este Tempo corresponde ao que chamamos de catecumenato. Está dividido em seis fases, podendo dedicar, ao menos dois meses em cada uma delas, totalizando 12 meses de duração.

A primeira fase está focada na Palavra de Deus e visa proporcionar uma visão de conjunto da revelação de Deus presente na sagrada escritura. O catequisando deve ter contato direto com as sagradas escrituras, aprender a

manuseá-la e rezar os seus textos por meio da *Leitura Orante*. Ao final dessa fase se realiza o Rito de entrega da Bíblia aos catequizandos.

A segunda fase que compõe o tempo do catecumenato ressalta o valor da pessoa humana dentro da história da criação, levando a compreensão de que o ser humano tem sua dignidade pautada na imagem e semelhança de Deus. Dentro dessa perspectiva, desenvolve a reflexão a respeito da alteridade humana, enquanto ser que tem a capacidade de se relacionar, consigo mesmo, com a família e a sociedade, e também com o ambiente ao qual vive. Esta fase encerra-se com uma celebração de agradecimento e valorização do dom da vida.

A terceira fase busca, de modo privilegiado, adentrar no mistério da vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, para que a proposta d'Ele torne-se uma referência para a vida do catequizando e, assim, se torne um discípulo que cumpre aquilo que Jesus, o mestre mandou: “Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros” (Jo 13,34b). Recomenda-se que essa fase seja concluída com um dia de Espiritualidade ou retiro.

A quarta fase conduz o catequizando a fazer a experiência da vida de oração, apresentando o testemunho de oração do próprio Jesus e como ele nos ensina a rezar. Além disso, pode-se ainda, proporcionar experiência de oração como a *Leitura orante*, o ofício divino, adoração eucarística, vigília eucarísticas, romarias, e tantas outras possibilidades de oração que de modo criativo levam a Deus. O importante é conscientizar a respeito da relação filial que devemos ter com Deus e com Ele dialogar, assim como dar testemunho da fraternidade para com todo gênero humano. Ao final desta fase, realiza-se o Rito de entrega do Pai-Nosso aos catequizandos.

A quinta fase visa despertar a pertença à igreja de Cristo, enquanto comunidade fé, de esperança e de Caridade. Reflete ainda sobre a fé que professamos e sobre a vivência comunitária, apresentando as pastorais e serviços eclesiais. Para que se tenha um parâmetro, apresenta-se aquela que é o maior modelo do ser Igreja, a Virgem Maria. A celebração que coroa esta fase é o Rito da Profissão do Símbolo da fé, o Credo. E importante que este momento celebrativo seja realizado em comunidade.

Por fim, a sexta fase que encerra o Tempo do Catecumenato, dedica-se a apresentar o sentido e a importância dos sacramentos na vida cristã, pois todos eles brotam do Mistério de Cristo, pois Jesus é o próprio sacramento do Pai. Ao mesmo tempo, os sacramentos expressam também a vivência e o compromisso dos cristãos, uma vez que a Igreja é sacramento de Cristo. Esta fase se conclui com uma celebração na Comunidade, em que os catequizandos agradecem pelo caminho que percorreram e manifestam o desejo de serem candidatos a receberem o(s) sacramento(s) da Iniciação Cristã. Tal celebração está prevista para acontecer no primeiro domingo da Quaresma.

O terceiro Tempo do itinerário catequético de Inspiração Catecumenal, refere-se à Iluminação e purificação, que ocorre desde o segundo domingo da quaresma até ao Sábado Santo pela manhã. Este Tempo deve ser vivido no recolhimento espiritual e revisão de vida à luz da centralidade Pascal. Deve-se privilegiar a participação de retiros ou dias de espiritualidade, ser fiel na observância dos exercícios quaresmais: jejum, esmola e oração, buscar práticas de reconciliação e sacramento da penitência, no caso de já batizados, além de buscar práticas de piedade popular como a via-sacra e demais orações. Paralelo a tudo isso, do terceiro ao quinto domingo da quaresma devem ser coletados escrutínios que avaliam a idoneidade dos catequizandos para seguir na caminhada de fé. A celebrações que encerram este tempo é o próprio Tríduo Pascal, que tem um acentuado caráter catecumenal, destacando a noite da Vigília Pascal, que concede ao catequizando a graça do sacramento ao qual havia manifestado desejo de receber.

Finalmente, o quarto tempo, também chamado de *mistagogia*, visa a vivência da vida comunitária a partir dos mistérios celebrados. Este Tempo dura todo tempo Pascal, encerrando-se com a Festa de Pentecostes, a qual os catequizando são enviados para o serviço à comunidade eclesial e, também na sociedade, como discípulo missionário, em vista do permanente amadurecimento na fé.

3.3. A interdependência entre a proposta de Inspiração Catecumenal e a renovação paroquial

A Inspiração Catecumenal não pode ser pensada como algo isolado do corpo pastoral de uma paróquia. Pois, para que obtenha êxito, é necessário que a comunidade eclesial tenha uma boa qualidade, que seja como terra boa para acolher a semente, onde a semente tenha condições para germinar, crescer e produzir fruto (Mt 13,4-9).

Muitas vezes, a dificuldade para se implementar a proposta catecumenal está atrelada ao modo como a paróquia está estruturada. Logo, para que a Inspiração Catecumenal seja levada adiante, é preciso uma nova conjuntura paroquial.

Com efeito, não estamos afirmando que a resposta para esse impasse seja buscar uma paróquia ideal para aplicação da proposta catecumenal, tampouco, aplicar a proposta catecumenal ambicionando uma mudança estrutural e pastoral na paróquia. O verdadeiro propósito em apresentar a situação acima é despertar a consciência de que existe uma interdependência entre a proposta catecumenal e a estrutura paroquial, sendo necessário perceber que há um processo dialético que implica uma construção conjunta. Trata-se de um projeto em que se desenvolve, simultaneamente, o resgate catecumenal e a revitalização paroquial. É uma via de mão dupla. À medida em que se desenvolve uma evangelização de Inspiração Catecumenal e novos catecúmenos adentram à comunidade, revitalizando e transformando a vida dessa comunidade por meio da riqueza de elementos pedagógicos, litúrgicos e pastorais; de igual forma, quando se revitaliza a estrutura paroquial, a comunidade torna-se ambiente propício ao desenvolvimento de uma evangelização de Inspiração Catecumenal de qualidade.

Retomando o exemplo da semente, ao qual comparamos ao catecumenato, por condensar em si uma potência muito grande: ser um referencial não só para a catequese daqueles que buscam os sacramentos, mas pode ser um parâmetro para todos aqueles que querem recomeçar a caminhada de fé; uma porta de entrada para os que não conhecem a fé; um convite para os

que estão distantes; uma motivação para os que estão perto; uma instrumento avaliativo para repensar a prática e os métodos pastorais; um farol que lança luz sobre a Igreja para que ela reconfigure sua estrutura eclesial.

Diante de tudo que se expôs nesta dissertação, percebe-se que o catecumenato, em virtude de sua riqueza pastoral, tornou-se um paradigma evangelizador, uma vez que tem sempre algo a oferecer para vida e Missão da Igreja. Segundo Reinert: “Uma metodologia pastoral se converte em paradigma de evangelização quando extrapola seu campo de atuação e se torna capaz de inspirar outras ações eclesiais” (2018, p.44). Desta maneira, ao colocar o catecumenato como um paradigma, é preciso ampliar o horizonte de compreensão a respeito da catequese, considerando-a como proclamação e vivência do Evangelho, e não apenas como uma ação pastoral de um grupo eclesial específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução deste trabalho possibilitou uma ampla compreensão do desenvolvimento catequético dentro da ação evangelizadora da Igreja, esclarecendo com precisão o papel do catecumenato dentro desse processo, em especial como seu caráter querigmático e mistagógico são fundamentais em projeto que queira formar verdadeiros discípulos missionários.

Ter delineado, no primeiro capítulo, uma abordagem histórica da catequese, com o recorte específico do catecumenato, tornou mais fácil a compreensão dos fatores que determinam o modo de catequizar. Cada tempo exige, um testemunho inculturado da fé, uma vez que o Filho de Deus, ao se encarnar na humanidade, também assumiu e viveu segundo a cultura e mentalidade do lugar onde nasceu. A necessidade molda a metodologia a ser aplicada, a fim de construir sentindo para os sujeitos da ação. Assim faz sentido a ascensão, o declínio e o resgate do catecumenato, como explanou o primeiro capítulo.

No segundo capítulo procurou-se demonstrar que a Inspiração Catecumenal tem uma metodologia eficaz, que corresponde aos anseios da Igreja na contemporaneidade, em especial, no que tange a missionariedade, amplamente discutida nos últimos tempos na dinâmica de uma Igreja em saída, como insiste o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*. E nesse sentido, demonstrou-se que o modelo catecumenal atende com excelência esta demanda, pois está alicerçada no anúncio do *querigma* que contagia, de tal modo, seus interlocutores que fazem deles novos discípulos de Cristo. Além disso, a *Mistagogia*, outro fundamento do catecumenato, com sua dinâmica que conduz ao mistério da fé, faz entender que os sacramentos não são ponto de chegada, mas ponto de partida.

Por fim, o terceiro capítulo, possibilitou conhecer as potencialidades que a Inspiração Catecumenal pode despertar na prática pastoral, desde a atenção especial dispensada aos adultos ainda não iniciados na fé, apresentando um caminho catequético e ritual que gradativamente insere na vida com Cristo e na

comunidade eclesial, até a constituição de uma “comunidade de vida” toda voltada a espiritualidade catecumenal. O catecumenato foi um processo muito rico, que pode contribuir muito para dar um novo rosto a nossa catequese para que ela seja mais efetiva na formação de discípulos missionários.

A pedagogia do catecumenato inspira e transforma não somente o modo de se fazer catequese, mas ilumina toda a ação pastoral da Igreja, dando um novo rosto a estrutura paroquial. Por conseguinte, a Inspiração Catecumenal mostra-se como um paradigma, devido a sua capacidade de ir além do seu campo pastoral, norteador da nova etapa da ação evangelizadora.

Este é um tema muito relevante para os dias de hoje, em especial se tratando de um contexto, pandêmico e pós-pandêmico (Covid-19), em que muitas pessoas, não bem iniciadas na fé e vida cristã, usaram da situação para justificar o seu afastamento de suas comunidades eclesiais, assim como abandonaram sua ação pastoral. Se antes, falávamos de desafios da Nova Evangelização diante de um mundo globalizado e suas consequências, o desafio torna-se ainda maior com os impactos impostos pelo vírus. As pessoas somente sairão de sua zona de conforto se lhes for oferecida uma proposta suficientemente atraente, séria e bem articulada. Por conseguinte, a proposta da Inspiração Catecumenal para iniciar ou reiniciar à vida cristã, torna-se um instrumento substancial à ação evangelizadora, pois atende a demanda de carências de encontro, de experiência, de encantamento, de esperança, de motivação a conversão, de algo profundo, de sentir-se amado, entre tantas outras lacunas no coração humano. Porque só Cristo oferece o verdadeiro sentido para nossas vidas, preenchendo de uma alegria de viver que não é desse mundo, e por isso, não pode ser tirada de nós.

O trabalho de pesquisa para escrever esta monografia, foi de muita valia na minha ação pastoral enquanto seminarista. Estes dois últimos anos nos quais me aprofundi mais sobre a temática do catecumenato, proporcionaram um novo olhar sobre o modo de fazer pastoral. A abordagem, a metodologia, todo o trabalho pastoral foram permeados de *querigma* e *mistagogia*. Estas palavras eram novidades para todos os agentes de pastoral com os quais trabalhei, mas depois de explicar o significado e o efeito que poderiam causar, o olhar dos

agentes foi transformado, o que, por consequência, repercutiu nas pessoas para as quais ofereciam serviço. Acredito que valha a pena partilhar que não foi somente a catequese que ficou contagiada com o espírito catecumenal, esta proposta foi apresentada também, à pastoral da família, à pastoral da caridade. No ano de 2022, está sendo implementada na Pastoral do Batismo. E assim, é possível afirmar que, apesar de laboriosa, é uma proposta que dá frutos. Provando o quanto que foi, está sendo relevante esta monografia.

Esta pesquisa não pretendeu esgotar a temática ou abarcar toda a riqueza oferecida pelo catecumenato, pois sua vastidão não caberia em um trabalho deste porte. Procurei delimitar o que considero mais importante para o tipo de trabalho pastoral que exerço hoje enquanto seminarista. Os escritos de catequetas como, João Fernandes Reinert, Luiz Alves de Lima e Rosemary Fernandes da Costa, ajudaram-me bastante a refletir sobre o tema. Porém, existe uma infinidade de direcionamentos, de catequetas, que também poderiam alargar a compreensão deste tema. Recomendo aos leitores desta pesquisa que tenham disposição para mergulhar nesta fonte, pois a recompensa será muito satisfatória.

Deixo aqui minha contribuição e estimo que possa ajudar a muitos outros que queiram se aventurar neste tema.

REFERÊNCIAS

REINERT, João Fernandes. **Inspiração Catecumenal e Conversão Pastoral**. São Paulo, SP: Paulus, 2018. 144 p.

LIMA, Luiz Alves de. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da iniciação à vida cristã**. São Paulo, SP: Paulus, 2016. 272 p.

COSTA, Rosemary Fernandes da. **Mistagogia hoje: o resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais**. São Paulo: Paulus, 2014. 235 p.

CELAM. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**. 5ª ed. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus; Paulinas, 2008.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium** (sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual). 15ª.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação Apostólica Catechesi Tradendae** (sobre a Catequese no nosso tempo). 15ª.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a Catequese**. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2020.

CNBB. **Diretório Nacional de catequese. Doc. 84**. 10ª ed. São Paulo: Paulinas, 2017.

CNBB. **Iniciação à Vida Cristã: um processo de inspiração catecumenal. Estudo. 97**. 10ª ed. São Paulo: Paulinas, 2017.

CNBB. **Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários. Doc. 107**. 2ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CNBB. **Itinerário Catequético: Iniciação a vida cristã – um processo de inspiração catecumenal**. 4ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002. 2206p.

LELO, Antônio Francisco. **Iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho**. São Paulo: Paulinas, 2005. 233 p.

REINERT, João Fernandes. **Paróquia e Iniciação Cristã**. São Paulo, SP: Paulus, 2015. 254 p.

SOLANGE MARIA DO CARMO. **Catequese no mundo atual: crises, desafios e um novo paradigma para a catequese**. São Paulo: Paulus, 2016. 264p.

ZAGHENI, G. **A Idade Contemporânea**. Curso de História da Igreja IV. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999.

CELAM. **Manual de catequética**. São Paulo: Paulus, 2007.

VVAA. **Dicionário de catequética**. São Paulo: Paulus, 2004, 1144 p.

LOPES, Antônio de Lisboa Lustosa. De novo a questão da Iniciação Cristã. **Revista de catequese**, São Paulo, n.152, p. 6-13, Jul./dez. 2018.

PAGNUSSAT, Leandro Francisco. A Mistagogia nos Sacramentos de Iniciação à vida Cristã. **Revista de catequese**, São Paulo, n.152, p. 23-33, Jul./dez. 2018.

BERNIER, Claire. O catecumentato, um desafio para a evangelização. **Revista de catequese**, São Paulo, n.153, p. 51-63, Jan./Jun. 2019.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. O Querigma e a transmissão da fé no contexto atual. **Revista de catequese**, São Paulo, n.154, p. 42-51, Jul./dez. 2019.

ARENAS, Octávio Ruiz. Catequese, catecumenato e nova Evangelização. **Revista de catequese**, São Paulo, n.154, p. 96-106, jul./dez. 2019.

CASTRO, Samuel Sampaio. Impactos do RICA na Iniciação à Vida Cristã: Percepções sobre as práticas de agentes de pastoral. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**. São Paulo, Vol.10, n.18, p. 209-219, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/view/28935/21651>>. Acesso em: 14, abril e 2022.

PRINCÍPIOS PARA UMA CATEQUESE RENOVADA. **Catequese católica**. Disponível em: <<https://catequisar.com.br/texto/catequista/doc/14.htm>>. Acesso em: 10, abril e 2022.

O QUE É CAMINHO NEOCATECUMENAL?. **Caminho Neocatecumenal**. Disponível em: <<https://neocatechumenaleiter.org/pt-br/historia/>>. Acesso em: 25, abril e 2022.